



UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE  
CENTRO DE HUMANIDADES  
UNIDADE ACADÊMICA DE LETRAS

**O DISCURSO FEMININO EM A *IMAGINÁRIA* DE ADALGISA  
NERY: AS FORMAÇÕES DISCURSIVAS QUE CONSTITUEM  
O SUJEITO FEMININO.**

**Samyra Ferreira Ramos Rodrigues**  
**Orientador: Aloísio de Medeiros Dantas**

CAMPINA GRANDE

2015

**SAMYRA FERREIRA RAMOS RODRIGUES**

**O DISCURSO FEMININO EM A *IMAGINÁRIA* DE ADALGISA  
NERY: AS FORMAÇÕES DISCURSIVAS QUE CONSTITUEM  
O SUJEITO FEMININO.**

Monografia de conclusão de curso apresentada ao Curso de Letras – Língua Portuguesa da Universidade Federal de Campina Grande, como requisito parcial à conclusão do curso. Orientador: Prof. Dr. Aloísio de Medeiros Dantas.

CAMPINA GRANDE

2015

## FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA CENTRAL DA UFCG

R696d Rodrigues, Samyra Ferreira Ramos.

O discurso feminino em *A imaginária* de Adalgisa Nery : as formações discursivas que constituem o sujeito feminino / Samyra Ferreira Ramos Rodrigues. – Campina Grande, 2015.

59 f.

Monografia (Licenciatura em Letras – Língua Portuguesa) – Universidade Federal de Campina Grande, Centro de Humanidades, 2015.

"Orientação: Prof. Dr. Aloísio de Medeiros Dantas".

Referências.

1. Discurso Literário. 2. Formações Discursivas. 3. Constituição Discursiva do Sujeito. 4. A Mulher da Década de 50. I. Dantas, Aloísio de Medeiros. II. Título.

CDU 81'42(043)

**SAMYRA FERREIRA RAMOS RODRIGUES**

**O DISCURSO FEMININO EM A *IMAGINÁRIA* DE ADALGISA NERY: AS  
FORMAÇÕES DISCURSIVAS QUE CONSTITUEM O SUJEITO FEMININO.**

Monografia de conclusão de curso apresentada ao curso de  
Letras – Língua Portuguesa da Universidade Federal de  
Campina Grande, como requisito parcial à conclusão do  
curso.

Aprovada em \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_

Banca Examinadora:

---

Prof (a). Orientador (a) - UFCG

---

Prof (a). Examinador (a)1

---

Prof (a). Examinador (a) 2

CAMPINA GRANDE – PB

2015

Aos meus pais, que sempre acreditaram em mim e me apoiaram em todos os momentos.

**DEDICO**

## AGRADECIMENTOS

Acredito que este seja o momento mais nobre de entregar um trabalho de conclusão de curso. Agradecer, pensar em tudo que já aconteceu, nas pessoas que influenciaram positivamente e assim, corroboraram para que eu me tornasse o que sou hoje. Ao analisar meus anos como graduanda, considero possuir muito mais momentos memoráveis e felizes do que momentos de tristezas. Durante o curso, pude amadurecer como aluna e pesquisadora, estando em contato com professores maravilhosos e dedicados. Também fiz grandes amigos, desses de se levar para a vida toda.

Primeiramente, meu profundo agradecimento aos meus pais, que nunca deixaram de me incentivar e de fazer o possível para que eu conseguisse alcançar meus objetivos. Se consegui chegar onde estou agora, devo tudo a eles. Também não poderia deixar de agradecer ao meu irmão, este que, apesar de todos os perrengues e percalços, nunca deixou de me ajudar e de se fazer necessário em minha vida.

À minha melhor amiga Raíssa, que desde o começo do curso criou um cordão umbilical comigo, e esteve sempre presente em todos os momentos em que eu precisava de um conselho ou de uma palavra de afeto. Também não posso deixar de dizer que ela me impulsionou em cada etapa do curso, sempre acreditando no meu potencial acadêmico. Amiga, muito obrigada por ter se tornado uma irmã, e por sempre ter acreditado em mim!

Ao meu querido amigo Pedro Augusto, que além de ser dono de uma bela voz, é também dono de um coração enorme e não mediu esforços para me ajudar a complementar este trabalho. Além disso, não deixa de me incluir em seus projetos e acreditar sempre no meu potencial, me fazendo aprender a cada dia, com palavras “doces e ébrias”.

Ao meu amigo/ irmão Rafael, este que está sempre ao meu lado, fazendo com que dias completamente rotineiros se tornem ótimas memórias e risadas. Agradeço-lhe por ter se tornado meu melhor amigo e alguém que irei levar para toda a vida. Também não poderia deixar de agradecer ao meu amigo Emerson, a quem considero minha versão masculina e que esteve sempre pronto para me passar essa energia maravilhosa que ele possui.

À minha amiga linda Larissa, por ser sempre esta pessoa pragmática, desencanada e que se tornou uma amiga que quero levar para sempre. À Júlia, que apesar de muito “avoadá” é dona de uma alma pura e de um coração lindo, e foi, desde o começo, uma amiga muito especial. À Saionara, que não era tão próxima no começo do curso, mas que depois se tornou uma grande amiga. À minha amiga maravilhosa, Mayara, esta que nos faz rir com seu jeito doce e atrapalhado, e está sempre pronta para ajudar os outros. À Dayane, a nossa lady Day,

que no início era apenas uma colega de classe, mas que se mostrou como uma grande amiga e confidente. À Leidiane, nossa “mói”, a qual adoro fazer rir e dividir boas gargalhadas. E por fim, à minha querida amiga Thayse, pelos ótimos momentos de cumplicidade e loucuras.

Aos meus queridos amigos: Carla Regina, Ramon, Camila e Renata, pelas noites loucas e divertidas. Ao casal Poema e Raiff, pelas viagens, festas, comidinhas, enfim, pelos momentos maravilhosos. Ao meus amigos Yasmim e Túlio, pelos momentos de descontração e risadas e a Nyeberth, por ser esta pessoa linda e com quem sempre divido bons momentos de conversas e gargalhadas.

Aos meus alunos, que me fizeram aprender muito sobre os desafios e os encantos da sala de aula. Espero continuar atendendo às suas expectativas e me tornando uma profissional cada vez melhor. Ao meu primo Rodrigo, que nunca mediu esforços para me ajudar.

Ao CCAA, por ter sido o meu primeiro trabalho e minha primeira experiência em sala de aula, me introduzindo aos percalços e alegrias do ensino. Também agradeço aos meus amigos e colegas de trabalho, por fazerem de todo processo algo prazeroso.

Às professoras, Ana Paula Sarmiento e Tássia Tavares, que aceitaram com prontidão participar da banca avaliadora do meu trabalho. Agradeço pelos momentos de aprendizagem e descontração em sala de aula, estes ensinamentos foram fundamentais para que eu pudesse me tornar quem eu sou hoje.

Aos professores do curso de Letras da UFCG, que desconstruíram, desde o início do curso, a ideia de que professores universitários não se preocupam com seus alunos. Com eles, pude aprender lições de sabedoria e humildade, vivenciando sempre momentos de descontração, e fazendo bons amigos. Um agradecimento especial a professora Elizabeth Silva, por ter-se mostrado sempre atenciosa e paciente, me passando ensinamentos preciosos que levarei pra toda a vida.

Ao meu querido orientador, Aloísio, este que se tornou um grande amigo e se mostrou presente em todas as etapas do curso, sempre disposto a me ajudar e a me trazer ensinamentos aos quais irei lembrar para sempre. O professor me introduziu aos conceitos da Análise do Discurso e fez com que eu me apaixonasse por esta área. Aloísio, obrigada por ter me apresentado ao romance de Adalgisa Nery e por ter aceitado estar comigo em um dos momentos mais marcantes de minha vida: o trabalho de conclusão do curso. Também agradeço por ter feito desse momento algo prazeroso. Levarei esta experiência para sempre.

Por fim, agradeço a Deus por ter colocado todas essas pessoas em minha vida e por ter me agraciado com tantos bons momentos e ensinamentos.

## RESUMO

As pesquisadoras Chanine; Jazdzewski (2000, *apud* BATISTA, p. 3) comentam os comportamentos femininos em momento de conflitos mundiais: a Primeira e a Segunda Guerra Mundial. Elas apontam que, no período da Primeira Guerra (1914-1918) as mulheres adotaram uma postura muito independente, quando se viram, pela primeira vez, sozinhas e com deveres de cuidar de suas casas e de seus filhos. Já no período posterior a Segunda Guerra (1939-1945), as mulheres assumiram uma postura completamente diferente, pois pensava estar trazendo de volta os bons ares e a beleza para as suas casas. Assim, deixaram de lado o espírito independente dos anos 20 e buscaram cada vez mais a elegância, bem como enfatizaram a importância do casamento. As tarefas domésticas também eram tidas como prazerosas, graças às novas tecnologias. Apesar do glamour exaltado nessa época, Chanine; Jazdzewski (op. cit.; p. 4) ressaltam que esse período de luxo e beleza não duraria muito tempo, visto que, no início dos anos 60, as mulheres voltariam a buscar seu espaço na sociedade, fortalecendo assim o movimento feminista. Uma representante dessa nova atmosfera feminina inserida é a escritora e poetisa Adalgisa Nery, que, dentre diversos livros dedicados à poesia, publica, em 1959, o seu primeiro romance *A imaginária*. Acreditamos que, os aspectos históricos anteriormente apresentados se fazem importante para entendermos a atmosfera social na qual a escritora encontrava-se ao publicar seu romance. Considerando os aspectos anteriormente apresentados, desenvolvemos o seguinte questionamento: Como se constitui discursivamente o sujeito feminino, em *A imaginária*, de Adalgisa Nery? Para conseguir responder à pergunta norteadora de nossa pesquisa, elencamos o objetivo geral de analisar os discursos sobre a mulher no romance referido. Além disso, temos como objetivos específicos observar como se constitui, discursivamente, através das formações discursivas, o sujeito feminino, no romance *A imaginária*, de Adalgisa Nery e verificar os efeitos de sentido que produzem o sujeito feminino, no romance em questão. Para tanto, iremos nos basear nos conceitos de Bakhtin (1993), Dantas (2001) e Maingueneau (2006) para dissertar sobre o discurso literário; também contemplamos aspectos da teoria de Pêcheux (1988) e Orlandi (1988; 1993) a fim de abordar aspectos referentes à constituição de sujeito e de formações discursivas. Acreditamos que o posicionamento da mulher nos anos 60 reverbera para a posição atual da mulher na sociedade contemporânea. A obra de Adalgisa Nery narra, ainda que subjetivamente, uma visão reflexiva da mulher, que expressa discursos, e que está em luta interior e por isso foge do estereótipo de “mulher do lar”, para a qual a casa e o marido fornecem toda a felicidade e realização feminina. Estudar a obra de Adalgisa Nery, sob a ótica discursiva, nos faz entender a história da mulher, bem como a participação das transformações sociais na construção da mulher do século XXI, que agora se constitui como sujeito na sociedade, e pode lutar por direitos iguais.

**PALAVRAS-CHAVE:** Discurso literário. Formações discursivas. Constituição discursiva do sujeito. A mulher da década de 50.

## ABSTRACT

The researchers Chanine; Jazdzewski (2000 *apud* BATISTA, p. 3) coment about women's behavior at a time of world wars: the First and Second World War. They point out that in the period of the World War I (1914-1918) women have adopted a very independent stance when they saw themselves alone for the first time with duties to take care of their homes and their children. In the period after the World War II (1939-1945), women took a completely different approach, longed to bring back the good air and the beauty to their homes. So, they let the independent spirit of the 20s and sought increasingly elegance and emphasized the importance of marriage. Household chores were also seen as pleasant, thanks to the new technologies. Despite the exalted glamor of that time Chanine; Jazdzewski (op.cit.; p. 4) point out that this period of luxury and beauty did not last long, since in the early 60s, women would return to seek their place in society, thus strengthening the feminist movement. A representative example of this new atmosphere where the woman was inserted is the writer and poetess Adalgisa Nery, who, among many books devoted to poetry, published in 1959, her first novel *A imaginária*. We believe that the historical aspects presented before are important to understand the social atmosphere of the time that the writer published her novel. Considering the aspects previously presented, we have developed the following question: How is the female subject discursively constituted in *A imaginária*, by Adalgisa Nery? To be able to answer the central question of our research, we list the general purpose of analyzing the speeches on women in that novel. Also, we have the following objectives: to observe how the female subject in the novel *A imaginária*, Adalgisa Nery is discursively formed through the discursive formations, and verify the effects of meaning that produce the female subject, in that novel. We will build on the concepts of Bakhtin (1993), Dantas (2001) and Maingueneau (2006) to lecture on literary discourse; we also contemplate aspects of Pêcheux theory (1988) and Orlandi (1988, 1993) in order to address aspects related to the constitution of subject and discursive formations. We believe that the position of women in the 60s reverberates to the current position of women in contemporary society. We believe that the work of Adalgisa Nery recounts, though subjectively, a reflective view of women, expressing speeches, and is in inner struggle and so escapes the stereotype of "home's woman," for which the house and her husband provide all the happiness and female accomplishment. Study the work of Adalgisa Nery, under the discursive view, makes us understand the history of women and the participation of social changes in construction to woman of the century, now it is constituted in society, and so can actively express your voice.

**KEYWORDS:** Literary discourse. Discursive formations. Discursive constitution of the subject. The woman of the 50s.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	11
<b>1. AS CONDIÇÕES DE PRODUÇÃO DO DISCURSO</b> .....	13
1.1 O discurso literário.....	15
1.2 O discurso no romance e o discurso do romance.....	18
<b>2. A FORMAÇÃO DISCURSIVA: o efeito sujeito no discurso</b> .....	21
2.1 O sujeito no discurso.....	25
2.1.2.1 O sujeito feminino na psicanálise.....	29
2.1.2.2 O sujeito feminino e o silêncio.....	30
<b>3. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS</b> .....	32
3.1 Natureza da pesquisa .....	33
3.2 <i>Corpus</i> de análise.....	33
<b>4. DE PERSONAGEM A SUJEITO: UMA ANÁLISE DO EFEITO MULHER NO ROMANCE A IMAGINÁRIA, DE ADALGISA NERY</b> .....	34
4.1 As formações discursivas femininas.....	35
4.2 A construção imaginária da mulher .....	46
<b>5. CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	58
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	60

## INTRODUÇÃO

As pesquisadoras Chanine; Jazdzewski (2000, *apud* BATISTA, p. 3) comentam que a Primeira Guerra Mundial (1914-1918) devastou a economia ocidental, e a Segunda Guerra Mundial (1939-1945) deixou enormes prejuízos para a economia dos países, direta ou indiretamente envolvidos nos conflitos. Além disso, elas ressaltam que, nesse período da Segunda Guerra Mundial, o fascismo e o nazismo deixaram a população cada vez mais temerosa quanto às possíveis mudanças que poderiam vir a acontecer. As autoras assinalam que a mulher acompanhou esses períodos de guerra se comportando de diferentes formas quanto à devastação dos combates.

As autoras apontam que no período da Primeira Guerra Mundial, as mulheres se viram sozinhas, visto que seus maridos as haviam deixado para combater na guerra. Assim, a mulher teve que assumir as responsabilidades econômicas do lar, se tornando mais independente, algo tido até como uma aproximação do papel masculino. Já no período da Segunda Guerra Mundial, o comportamento da mulher foi diferente. Depois de anos de guerra e de destruição – além do fascismo e nazismo que ganhavam cada vez mais espaço –, a população almejava tempos melhores, a fim de esquecer os acontecimentos devastadores do passado. Acompanhando os sentimentos da época, as mulheres deixaram o espírito independente dos anos 20 e buscaram cada vez mais a elegância, bem como, voltaram a enfatizar a importância do casamento. As tarefas domésticas também eram tidas como prazerosas, graças às novas tecnologias. Começavam assim os anos dourados. Apesar do glamour exaltado nessa época, Chanine; Jazdzewski (op. cit.; p. 4) ressaltam que esse período de luxo e beleza não duraria muito tempo, visto que, no início dos anos 60, as mulheres voltariam a buscar seu espaço na sociedade, fortalecendo assim o movimento feminista.

Uma representante dessa nova atmosfera em que a mulher estava inserida é a escritora e poetisa Adalgisa Nery. A escritora nasceu em 1905 no antigo Distrito Federal (RJ). Adalgisa Nery perdeu a mãe ainda muito jovem, aos oito anos de idade, e também casou-se muito cedo, aos dezesseis anos, com o seu vizinho, o pintor Ismael Nery. O casamento, apesar das insatisfações de ambos, durou até a morte do pintor, em 1934. A escritora casou-se de novo, em 1940, com o jornalista e advogado Lourival Fontes e embarcou em diferentes carreiras profissionais, se tornando jornalista e sendo deputada três vezes, tendo todos os seus direitos políticos cassados em 1969. Em 1976, viúva e com idade avançada, Adalgisa Nery se internou por vontade própria em uma casa de repouso. Anos mais tarde viria a morrer, em decorrência de um acidente vascular cerebral. Faleceu em sete de junho de 1980, solitária.

Dentre diversos livros dedicados à poesia, a escritora publica, em 1959, o seu primeiro romance *A imaginária*. Apesar da autora não considerar o livro uma autobiografia, o romance conta a história de Berenice – um *alter ego* de Adalgisa Nery – ressaltando, através do subjetivismo exacerbado, aspectos da vida pessoal da escritora, como a morte de sua mãe, o casamento conturbado com o pintor Ismael Nery e sua íntima relação com a solidão. Acreditamos que o nome da obra, *A imaginária* tenha relação com a Berenice menina, que tinha uma forte capacidade imaginativa. Percebemos que essa capacidade foi sendo perdida com o passar dos anos, uma vez que, durante a obra, Berenice acaba perdendo um pouco dessa sua característica de menina imaginativa. Consideramos fundamental refletirmos sobre o momento em que o livro foi publicado, para compreendermos as inseguranças e frustrações de Berenice. Como já mencionado, o ano de 59 também representava um momento de transição para a comunidade feminina, visto que esse período – um pouco anterior aos anos 60 –, marca o retorno da mulher como ser ativo, que briga por seus direitos e se distancia da posição passiva exercida pelo sujeito feminino no passado.

Essa da visão da mulher, como aponta Pêcheux (1990 *apud* INDURSKY, p. 70), se distancia de uma concepção individual do sujeito, e o concebe como um sujeito social. O autor complementa sua teoria ao assinalar que o sujeito, além de social, é histórico, ideológico e, por conseguinte, dotado de inconsciente. (INDURSKY, 2000, p. 70). Ao que percebemos, o caráter subjetivo da obra de Adalgisa Nery reflete as inseguranças e os medos não só de uma mulher em especial, mas retrata o momento histórico e o sentimento do sujeito feminino dentro de um contexto social, verificado através de seu discurso. Extremamente intimista e existencialista, Adalgisa desliza por suas próprias inseguranças, refletindo sobre elas, exercendo o papel da mulher moderna e intelectual que marcava os anos 60.

Considerando os aspectos anteriormente apresentados, desenvolvemos o seguinte questionamento: Como se constitui discursivamente o sujeito feminino, em *A imaginária*, de Adalgisa Nery? Para conseguir responder à pergunta norteadora de nossa pesquisa, elencamos o objetivo geral de analisar os discursos sobre a mulher no romance *A imaginária*, de Adalgisa Nery. Além disso, temos como objetivos específicos observar como se constitui, discursivamente, através das formações discursivas, o sujeito feminino, em *A imaginária*, de Adalgisa Nery e verificar os efeitos de sentido que produzem o sujeito feminino, no romance referido.

Como apontamos anteriormente, o sujeito feminino foi se modificando, juntamente com as mudanças sociais, através da tensão entre duas formações discursivas (FD): a tradicional e a moderna. A primeira refere-se à mulher em sua perspectiva doméstica, ou seja,

para a FD tradicional, o papel feminino é de “mulher do lar”, financeiramente dependente e dedicada apenas à família. Na segunda, a mulher é observada em sua função na sociedade, função esta que se expande aos cuidados com os filhos, com o marido e com a organização doméstica, e ganha uma conotação moderna, na qual a mulher trabalha e prima por seus direitos como cidadã. Considerando que o posicionamento da mulher nos anos 60 reverbera para a posição atual da mulher na sociedade contemporânea, acreditamos que a obra de Adalgisa Nery narra, ainda que subjetivamente, uma visão reflexiva da mulher, que expressa discursos, e que está em luta interior e por isso foge do estereótipo de “mulher do lar”, para a qual a casa e o marido fornecem toda a felicidade e realização feminina. Relatando um momento de transição do pensamento feminino (anos 1950 – 1960), através de experiências pessoais, *A imaginária* nos revela um caráter solitário da trajetória feminina, resultado de toda uma vida de restrições, de travamentos. Sobre essa questão, Pêcheux (1988, *apud* INDURSKY, 2000, p. 71) aponta que o sujeito é afetado “em seu funcionamento psíquico, pelo inconsciente, e em seu funcionamento social, pela ideologia”. Assim, consideramos que a história da personagem Berenice relata o misto de suas insatisfações psíquicas e das insatisfações sociais. Também entendemos a importância do discurso do silêncio para a obra de Adalgisa Nery, uma vez que Berenice se expressava, por muitas vezes, através do silêncio de suas ideias.

Esses questionamentos nos mostram uma mulher que reflete sobre sua realidade e sobre as ideologias dominantes, expressando sua alma como forma de entender o vazio de seu ser. Acreditamos que estudar a obra de Adalgisa Nery, sob a ótica discursiva, nos faz entender a história da mulher, bem como a participação das transformações sociais na construção da mulher do século XXI, que agora se constitui como sujeito na sociedade, e assim pode expressar ativamente a sua voz.

## 1. AS CONDIÇÕES DE PRODUÇÃO DO DISCURSO

Dedicamos o tópico a seguir para dissertarmos sobre a Análise do discurso francesa, visto que partiremos de suas teorias para desenvolvermos nosso trabalho. Sobre a Análise do discurso (doravante AD) Dantas (2011) salienta que esta alcançou o estatuto de disciplina linguística quando ocorreu uma crise na linguística formal, após a necessidade de sistematização dos estudos que tinham como objeto a língua em seu uso e variações, a enunciação, o texto-discurso e o cognitivismo. O autor aponta que, depois do período de combates teóricos e metodológicos, a AD se instaura como disciplina linguística e viu surgir, no interior de sua própria área de pesquisa, diferentes perspectivas considerando seu objeto: apenas o discurso, apenas o texto; texto e discurso; texto, discurso e língua. Assim, essas diferentes vertentes deram origem a variadas análises de discurso e pesquisas heterogêneas.

Com essa heterogeneidade de pesquisas e de objetos adotados pelas variadas ADs, ocorre também a inserção do texto literário, o autor (Op.cit) ressalta trazer novos questionamentos ou até uma nova teoria do discurso. Para tanto, o pesquisador aponta que:

Em termos estritamente limitados três perguntas exigem resposta para a aceitação de tal texto como objeto da AD: a) a língua produzida nesse espaço textual resulta de ou está empregada em construções discursivas?; b) qual a natureza dos sujeitos que aunciam e se enunciam textualmente?; c) como o espaço textual literário invoca ou convoca outros discursos para a construção do sentido? As respostas para essas perguntas vão exigir do pesquisador os seguintes conceitos: i) língua, enunciação, interlíngua, efeitos de sentido; ii) sujeito enunciativo, sujeito de direito (posição, ethos, jogo de imagens, identidade), sujeito ideológico-discursivo-cultural; iii) interdiscurso (conjunto de formações discursivas), memória discursiva, acontecimento discursivo. (DANTAS, 2011, p. 43)

Pensando mais especificamente sobre o estudo do texto literário na AD, o autor salienta que a língua e seus mecanismos enunciativos expressam-se de forma muito singular no texto literário, uma vez que esses textos possuem uma veia ficcional, de fingimento da realidade. Apesar dessa relação com a ficção, Dantas (Op. cit.; p. 44) salienta que “não há grande separação entre o material linguístico da literatura e a realização linguístico-enunciativa dos sujeitos sociais”, uma vez que a língua só pode adquirir sentido no contexto real de interação, e assim o texto literário aparece como essa forma de contexto, mas em uma visão dupla: para os enunciados que são construídos em seu próprio interior, e na forma de um “horizonte social” que é contemporâneo à escrita e à leitura.

Para complementar a visão de “horizonte social” Bakhtin/Volochivov (1998) apontam que aquilo que nós falamos é apenas um conteúdo do discurso, que serve como “tema” de nossas palavras. Assim eles afirmam:

Um exemplo de um tema que é apenas um tema seria, por exemplo, “a natureza”, “o homem”, “a oração subordinada” (um dos temas da sintaxe). Mas o discurso de outrem constitui mais do que o tema do discurso; ele pode entrar no discurso e na sua construção sintática, por assim dizer, “em pessoa”, como uma unidade integral da construção. Assim, o discurso citado conserva sua autonomia estrutural e semântica sem nem por isso alterar a trama linguística do contexto que o integrou. (BAKHTIN/VOLOCHIVOV, 1998, pág. 144)

Dessa forma, percebemos que os autores reiteram a informação de que o discurso só acontece na interação com o outro, com o discurso de outrem. Pelo que eles apontam o discurso citado entra na construção sintática, mas conserva seus aspectos estruturais e semânticos. Além disso, Bakhtin/Volochivov (1998) afirmam que para entender a enunciação citada é imprescindível integrá-la dentro da construção do discurso, apesar disso, os autores afirmam: “entretanto, quando passa a unidade estrutural do discurso narrativo, no qual se integra por si, a enunciação citada passa a se constituir ao mesmo tempo um tema do discurso narrativo. (BAKHTIN/VOLOCHIVOV, 1998, pág. 144). Os pesquisadores assinalam que o discurso citado é tido pelo falante como sendo a enunciação do outro, sendo essa enunciação autônoma e independente, localizada fora de um contexto narrativo.

Após apresentadas as considerações acerca dos estudos da AD e das concepções bakhtinianas sobre o discurso, acreditamos ser fundamental comentarmos mais especificamente sobre o discurso literário. Assim, o subtópico a seguir é dedicado a esse estudo.

### **1.1 O discurso literário**

Durante muito tempo, os estudos de romance estiveram direcionados à compreensão do que seria a literatura, em seus aspectos estéticos, e a linguagem desses textos ficou presa aos aspectos estilísticos da língua. Após a eclosão dos estudos do discurso, desde o final dos anos de 1960, os romances passaram também a ser estudados como documentos que representam aspectos históricos e ideológicos.

Maingueneau (2006) comenta questões acerca do estudo do discurso literário, salientando que é mais importante analisar os discursos literários através de conceitos e métodos, os quais podem ser validados em outros tipos de discurso, do que permanecer no questionamento do que seria discurso literário ou do que seria discurso não literário. O autor defende que, em sua concepção, o discurso literário não pode ser concebido como isolado, como se verifica nas palavras do autor:

[...]ele participa de um plano determinado da produção verbal e dos *discursos* constituintes, categoria que permite melhor apreender as relações entre literatura e filosofia, literatura e religião, literatura e mito e literatura e ciência. A expressão “discurso constituinte” designa fundamentalmente os discursos que se propõem como discursos de Origem, validados por uma cena de enunciação que autoriza a si mesma. (MAINGUENEAU, 2006, p. 60).

Segundo o autor, o trabalho com o discurso constituinte não é uma área segura de estudos, mas sim um campo de pesquisa no qual se pode identificar um número de invariantes, além de elaborar diversas questões inéditas. Ele afirma que os discursos, em uma primeira visão, são distintos, da mesma forma que o discurso religioso, o científico, o filosófico, etc., também o são. Assim, tem-se a impressão de que incontáveis categorias de análises possam se transferidas facilmente, de um para o outro, chegando à conclusão de que existe um domínio específico da produção verbal de uma sociedade, os diferentes tipos de discurso que possuem traços em comum de acordo com condições de emergência, de funcionamento e de circulação. (MAINGUENEAU, 2006, p. 61).

Agrupar discursos como o literário (fundar e não ser fundado por outro discurso), certo recorte das situações de comunicação de uma sociedade (há lugares e gêneros vinculados a esses discursos constituintes) e certo número de invariantes enunciativas. Trata-se, por conseguinte, de uma categoria *discursiva* propriamente dita. (MAINGUENEAU, 2006, p. 61).

Maingueneau (Op.cit) explica que os discursos constituintes são discursos que agregam um sentido aos atos de coletividade, garantindo assim os múltiplos gêneros do discurso. Ele exemplifica dizendo que o jornalista recorre a discursos de sábios, de teólogos, ou de filósofos, mas que o contrário não ocorre, porque esses discursos são dotados de singularidades: “zonas de fala entre outras e falas que se pretendem superiores a todas as outras” (MAINGUENEAU, 2006, p. 61). O autor aponta que esses são os chamados discursos-limite, situados em um limite e se ocupam daquele limite, e assim devem estar ligados a uma fonte legitimadora. Maingueneau (Op.cit) afirma que estes discursos são ao

mesmo tempo “autoconstituintes” e “heteroconstituintes”, facetas que se pressupõem, uma vez que só um discurso que consegue se manifestar ao tematizar sobre sua própria constituição, é capaz desenvolver um papel constituinte em relação aos outros discursos.

Ao mencionar as diferenças entre discurso filosófico e discurso literário, Cossuta (2004 *apud* MAINGUENEAU, 2006, p. 65) apresenta uma distinção entre os discursos autoconstituintes e os discursos constituintes. Na perspectiva do autor, apenas o discurso filosófico poderia ser considerado autoconstituinte, uma vez que ele tem o empenho de explanar as condições de possibilidade de todas as constituições do discurso, incluindo a sua própria constituição. Já a obra literária constitui as condições de sua legitimidade, uma vez que propõe um universo universalizado, oferecendo categorias sensíveis para um mundo possível. Dessa forma, o autor apresenta que a obra filosófica, diferentemente da literária, possui tendência a absorver sua enunciação em seu próprio enunciado, ou seja, o conteúdo é doutrinado, existindo ainda a possibilidade de reverter sua doutrina em enunciação. Sobre o discurso literário, Maingueneau (*Op.cit*) sugere:

O discurso literário propriamente dito, por sua vez, busca absorver “no mais profundo de sua exposição, suas próprias estruturas teóricas, pronto a operar com elas obliquamente num nível estrutural ou a reinscrevê-las ficticiamente como seu próprio conteúdo”. É, pois, nas formas literárias que se tem de tornar manifesto o pensamento que a literatura produz. A intraduzibilidade de uma obra literária para outro plano de expressão ou para um metadiscurso estaria ligada ao fato de que – retomando os termos de Macherey – “os textos literários são a sede de um pensamento que se enuncia sem atribuir a si mesmo as marcas de sua legitimidade, pois devolve sua exposição à sua encenação”. (MAINGUENEAU, 2006, p. 66).

Maingueneau (*Op.cit*) argumenta que considerar a literatura e a filosofia como discursos constituintes nos permite apreender melhor as divergências entre os seus modos singulares de “constituência”. Cossuta (2004 *apud* MAINGUENEAU, 2006, p. 65) aponta que: “não há tipos de discurso puros, e sim combinações cujo grau de ‘filosoficidade’ e ‘literariedade’ depende tanto da definição e da forma de identidade, elaboradas em função dos quadros propostos de uma dada época e em função das reformulações por que passam esses quadros no trabalho da escrita”. Nesse sentido, o discurso literário é uma construção da sociedade, em um viés histórico, mas também uma reconstrução do trabalho individual de agentes sociais, denominados de escritores, que, ou são marcados historicamente a uma época, ou são reconfigurados por outros agentes sociais, como editores, jornalistas, críticos, professores.

## 1. 2 O discurso no romance e o discurso do romance

Após comentarmos aspectos em relação ao discurso literário, dedicamos essa seção ao estudo do romance propriamente dito. Em “Questões de Literatura e de Estética (A teoria do romance)”, Bakhtin (1993) comenta que no século XX não se problematizava sobre os problemas estilísticos do romance. O pesquisador afirma que durante muito tempo o romance foi apenas objeto de análises ideológicas e abstratas, com apreciação advinda apenas dos publicistas. Bakhtin (Op.cit) salientava que o estudo da prosa literária era associado apenas ao discurso poético, e a esse estudo era aplicadas as categorias estilísticas tradicionalistas. Sobre a visão estilística do romance, Bakhtin (Op.cit) argumenta:

Muito difundido e peculiar era o ponto de vista que via no discurso do romance um certo ambiente extraliterário, privado de uma elaboração estilística particular e original. Não encontrando curso aquela forma esperada puramente poética (em sentido restrito), recusam-lhe qualquer importância literária; ele, assim como nos discursos científico ou coloquial, apresenta-se apenas como meio de comunicação artisticamente neutro. (BAKHTIN, 1993, p. 72-73)

No entanto, Bakhtin (Op.cit) afirma que, na década de 20, a situação é modificada e o discurso romanesco em prosa começa a ser apreciado pelos estudos da estilística. Dessa mudança em relação à visão estilística da prosa romântica, o autor mostra que se desenvolverem duas vertentes: uma preocupa-se em fazer análises concretas da prosa, enquanto que a outra busca a originalidade estilística da prosa romanesca, através da sua diferença quanto à poesia. Entretanto, Bakhtin (Op.cit) afirma que as análises concretas e as análises mais radicais mostraram que era impossível aplicar as categorias de estilística tradicional e de discurso poético ao discurso romanesco.

Assim, o discurso romanesco se instaurava como uma incógnita para o pensamento estilístico, uma vez que não se adequava a nenhuma das esferas do discurso da vida literária. O pesquisador afirma que essas análises falhavam porque, na maioria das vezes, se limitavam a encontrar apenas categorias estilísticas no romance, sem pensar sobre a unidade estilística do romance e da palavra romanesca. Sobre o romance, Bakhtin (Op.cit) aponta:

O romance, tomado como um conjunto, caracteriza-se como um fenômeno pluriestilístico, plurilíngue, e plurivocal. O pesquisador depara-se nele com certas unidades estilísticas heterogêneas que repousam às vezes em planos linguísticos diferentes e que estão submetidos a leis estilísticas distintas. Eis os principais tipos de unidades estilísticas de composição nas quais o

conjunto romanesco se decompõe habitualmente: 1. A narrativa direta literária do autor (em todas as suas variedades multiformes); 2. A estilização de diversas formas da narrativa tradicional oral (skaz); 3. Estilizações de diversas formas da narrativa (escrita) semiliterária tradicional (cartas, diários, etc.); 4. Diversas formas literárias, mas que estão fora do discurso literário do autor: escritos morais, filosóficos, científicos, declaração retórica, descrições etnográficas, informações protocolares, etc.; 5. Os discursos dos personagens estilisticamente individualizados. (BAKHTIN, 1993, p. 72-73)

Essas unidades estilísticas heterogêneas, como afirma Bakhtin (Op.cit), adentram no romance, unindo-se de forma harmoniosa no sistema literário. O autor salienta que o gênero romanesco só tem sua originalidade garantida por conta da combinação dessas unidades subordinadas, e, no entanto, relativamente independentes. Bakhtin (Op.cit) ressalta que o romance é, na verdade, uma diversificação social de linguagens que se organizam artisticamente, e por vezes, de línguas e de vozes individuais. Ele aponta que toda a estratificação interna de uma língua, situada em um determinado momento histórico, se constitui como fundamental no gênero romance. Todos os discursos que circundam o romance – o discurso do autor, do narrador, dos personagens, os gêneros intercalados – são apenas unidades básicas que compõem o romance, que ajudam o plurilinguismo a se instaurar no romance.

Bakhtin (Op.cit) afirma que as formas de composição da introdução e da organização do plurilinguismo romanesco é muito variada, e são elaboradas no decorrer do desenvolvimento histórico desse gênero em questão. Ele aponta que a forma mais evidente de introdução e de organização do plurilinguismo é presente no romance humorístico, principalmente nos clássicos ingleses. Sobre a introdução do plurilinguismo e sua utilização na estilística, Bakhtin aponta duas particularidades:

1. Introduce-se “linguagens” e perspectivas ideológico-verbais multiformes – de gêneros, de profissões, de grupos sociais (a linguagem do nobre, do fazendeiro, do comerciante, do camponês) – na verdade isso ocorre nos limites da língua literária escrita e falada; além disso, na maioria dos casos essas linguagens não são reforçadas por personagens definidos (heróis, narradores), mas não introduzidas sob forma impessoal “por parte do autor”, alternando-se (sem levar em conta as fronteiras formais precisas) com o discurso direto do autor.
2. As linguagens e as perspectivas sócio-ideológicas introduzidas, apesar de serem, é claro, utilizadas também para realizar a refração das intenções do autor, são reveladas e destruídas como sendo realidades falsas, hipócritas, interesseiras, limitadas, de raciocínio estreito, inadequadas. (BAKHTIN, 1993, p. 116)

Bakhtin afirma que essa forma humorística de introdução e organização do plurilinguismo romanesco diverge fundamentalmente do conjunto das formas que estão definidas pela introdução de um possível autor, concreto e personificado (a palavra escrita) ou de um narrador (a palavra oral). O pesquisador salienta que, tanto o autor, como o narrador, adquirem um significado totalmente diferente quando são introduzidos através de uma perspectiva linguística – considerada por Bakhtin como ideológico-verbal particular – de uma visão singular sobre o mundo e seus acontecimentos, de uma entonação específica e apreciações, de um autor, de uma narração e de uma unidade literária considerada “normal”.

Bakhtin (Op.cit) ressalta que o plurilinguismo social, bem como a consciência da diversidade das linguagens da sociedade e do mundo que regem o tema do romance, entram nesse gênero como estilizações impessoais – na linguagem dos gêneros, das profissões e em outras linguagens sociais – ou como imagens personificadas de um autor convencional, de um narrador, ou então, dos personagens. O pesquisador afirma que: “O romancista não conhece apenas uma linguagem única, ingênua (ou convencionalmente) incontestável e peremptória. A linguagem é dada ao romancista estratificada e dividida em linguagens diversas” (BAKHTIN, 1993, p. 116).

Assim, o plurilinguismo para Bakhtin (Op.cit) se personifica no romance, e é materializado nele nas figuras de pessoas que falam, ou até atuando como base para um diálogo, determinando o retumbo do discurso direto do romance. Dessa forma, Bakhtin (Op.cit) afirma que o objetivo principal do gênero romance é o homem que fala e a sua palavra. Sobre a pessoa que fala no romance, Bakhtin aponta:

1. No romance, o homem que fala e sua palavra são objeto tanto de representação verbal como literária. O discurso do sujeito falante no romance não é apenas transmitido ou reproduzido, mas *representado artisticamente* e, à diferença do drama, *representado pelo próprio discurso* (do autor). [...] 2. O sujeito que fala no romance é um *homem essencialmente social* historicamente concreto e definido e seu discurso é uma linguagem social (ainda que em embrião), e não um “dialeto individual”. [...] 3. O sujeito que fala no romance é sempre, um certo grau, um *ideólogo* e suas palavras são sempre um *ideologema*. Uma linguagem particular no romance representa sempre um ponto de vista particular sobre o mundo, que aspira a uma significação social. Precisamente enquanto ideologema, o discurso se torna objeto de representação no romance, e por isso, este não corre risco de se tornar um jogo verbal abstrato. [...]. (BAKHTIN, 1993, p. 135)

Assim, Bakhtin (Op.cit) apresenta que a pessoa que fala e o seu discurso são constituintes do objeto que especifica o romance, o que cria a originalidade do gênero

romance. Entretanto, o autor afirma que o homem não se constitui apenas como o falante, o homem também age, sendo essa ação essencial para a revelação do personagem e também para a sua experimentação ideológica.

## 2. A FORMAÇÃO DISCURSIVA: o efeito sujeito no discurso

Após apresentarmos as noções instrutórias sobre o discurso literário e o discurso no/ do romance, apresentamos, neste tópico, aspectos referentes às formações discursivas ou efeitos no discurso, a fim de respondermos a pergunta norteadora desta pesquisa. Pêcheux (1988) menciona a importância da ideologia ao salientar que é ela a responsável por oferecer as evidências daquilo que “é sabido” por todos. Essas evidências é que tornariam possível que: “uma palavra ou um enunciado “queiram dizer o que realmente dizem” e que mascaram, assim, sobre a “transparência da linguagem”, aquilo que chamaremos de *caráter material do sentido* das palavras e dos enunciados” (Op.cit., p. 160). O pesquisador considera que esse *caráter material do sentido* seria a relação de dependência constituída pelas formações ideológicas, essa relação sendo explicitada por meio de duas teses, a primeira discriminada a seguir:

1) A primeira consiste em colocar que o *sentido* de uma palavra, de uma expressão, de uma proposição, etc., não existe “em si mesmo” (isto é, em sua relação transparente com a literariedade do significante), mas, ao contrário, é determinado pelas posições ideológicas que estão em jogo no processo sócio-histórico no qual as palavras, expressões e proposições são produzidas (isto é, reproduzidas). Poderíamos resumir essa tese dizendo: *as palavras, expressões, proposições, etc., mudam de sentido segundo as posições sustentadas por aqueles que as empregam*, o que quer dizer que elas adquirem seu sentido em referências a essas posições, isto é, em referências às *formações ideológicas* (no sentido mais definido acima) nas quais essas posições se inscrevem. Chamaremos, então, *formação discursiva* aquilo que, numa formação ideológica dada, isto é, a partir de uma posição dada numa conjuntura dada, determinada pelo estado da luta de classes, determina *o que pode ser dito* (articulado sob a forma de uma arenga, de um sermão, de um panfleto, de uma exposição, de um programa, etc.). (PÊCHEUX, Op.cit, p. 160)

Dessa forma, percebemos a importância da ideologia para compreendermos as formações ideológicas, e assim, as formações discursivas. Em todas essas instâncias, a noção de sentido é fundamental, porque ele é que é diretamente afetado de acordo com as condições apresentadas pelas formações discursivas. Pêcheux (Op.cit) complementa tal questão salientando que, ao considerar a materialidade do discurso e do sentido: “os indivíduos são

“interpelados” em sujeitos-falantes (em sujeitos de *seu* discurso) pelas formações ideológicas que lhes são correspondentes” (Op.cit., p. 161).

Assim, Pêcheux reflete sobre a noção do sentido das palavras, defendendo que, se elas podem configurar diferentes sentidos de acordo com a formação ideológica do sujeito-falante, isso significa dizer que uma palavra, ou uma expressão, não apresenta um sentido único, que lhe é próprio. Na verdade, segundo o autor, elas se constituem de acordo com a formação discursiva, ou nas relações que estabelecem com outras expressões ou palavras da mesma formação discursiva. Do mesmo jeito que consideramos que uma palavra ou expressão pode estabelecer sentidos diferentes dentro de uma mesma formação discursiva, o contrário também pode acontecer. Pêcheux (Op.cit) afirma que palavras ou expressões “diferentes” podem apresentar “o mesmo sentido” se estiverem dentro de uma mesma formação discursiva. É dessa forma que o *processo discursivo* acaba por fazer uso de substituições, de paráfrases e de outros recursos linguísticos que funcionam em uma formação discursiva dada.

A partir desse ponto que Pêcheux (Op.cit) trabalha a questão dos “domínios do pensamento”, defendendo que eles se configuram como uma forma de estabilização na qual o sujeito é produzido, sócio-historicamente, de maneira simultânea com aquilo que lhe é fornecido. Dessa forma, o sujeito é capaz de se conhecer e conhecer outros sujeitos, e nesse estágio é que aconteceria a “condição do consenso” no qual se procura compreender o ser a partir de seu pensamento, de sua ideologia. Com isso, Pêcheux (Op.cit) nos mostra que é na formação discursiva que se constituem os sentidos, com isso o autor apresenta a segunda fase:

*2) Toda formação discursiva dissimulada, pela transparência do sentido que nela se constitui, sua dependência com respeito ao “todo complexo com dominante” das formações discursivas, intrincado no complexo das formações ideológicas definido mais acima. Vamos desenvolver: propomos chamar interdiscurso a esse “todo complexo com dominante” das formações discursivas, esclarecendo que também ele é submetido à lei de desigualdade-contradição-subordinação que, como dissemos, caracteriza o complexo das formações ideológicas. Diremos, nessa condições, que o próprio de toda formação discursiva é dissimular, na transparência do sentido que nela se forma, a objetividade material contraditória do interdiscurso, que determina essa formação discursiva como tal, objetividade essa que reside ao fato de que “algo fala” (ça parla) sempre “antes, em outro lugar independentemente”, isto é, sob a dominação do complexo das formações ideológicas. (PÊCHEUX, Op.cit, p. 162)*

Com isso, percebemos que as formações discursivas são diretamente ligadas ao interdiscurso, ou como o autor denominou, o “todo complexo com dominante”. Essas formações discursivas servem para fazer com o que o sujeito acredite que está enunciando

algo que lhe pertence, mas, na verdade, sempre existem um lugar independente, responsável pela dominação dessas formações ideológicas. A partir dessas considerações, Pêcheux (Op.cit) conclui apontando que o funcionamento da ideologia acontece pela interpelação dos indivíduos em sujeitos, através das formações ideológicas – mais especificamente através do interdiscurso – fornecendo a cada sujeito uma noção de “realidade”.

Pêcheux (Op.cit) aponta que existem dois tipos de interdiscursos: o pré-construído e as articulações. Esses elementos aparecem “determinando o sujeito, impondo-dissimulando-lhe seu assujeitamento sob a aparência da autonomia, isto é, através da estrutura discursiva da forma-sujeito” (Op.cit., p. 164). Assim, podemos entender que o pré-construído e as articulações, através do interdiscurso, dissimulam para o sujeito a sua condição de autonomia, mascarando a sua real situação de assujeitamento. Assim, as formações discursivas que determinam o interdiscurso dos sujeitos é chamada de formação discursiva *dominante*, porque é ela que determina o que o sujeito pode ou não dizer, mas mascara essa relação para ele, fazendo-o acreditar que ele é “dono” daquilo que enuncia. Explicitando a questão do pré-construído e das articulações, Pêcheux (Op.cit) considera que:

“ “ sempre-já-aí” da interpelação ideológica que fornece-impõe a “realidade” e seu “sentido” sob forma da universalidade (o “mundo das coisas”), ao passo que a “articulação” *constitui o sujeito em sua relação com o sentido*, de modo que ela representa, no interdiscurso, aquilo que *determina a dominação da forma-sujeito*. Especifiquemos do que se trata: antecipamos mais acima (cf. p. 160) uma concepção do efeito de sentido como relação de possibilidades de substituição entre elementos (palavras, expressões, proposições) no interior de uma formação discursiva dada. Acrescentaremos, agora, que essa possibilidade de substituição pode tomar duas formas fundamentais: a da *equivalência* – ou possibilidade de substituição simétrica –, tal que dois elementos substituíveis A e B “possuam o mesmo sentido” na formação discursiva considerada, e na *implicação* – ou possibilidade de substituição orientada –, tal que a relação de substituição  $A \longrightarrow B$  não seja a mesma que a relação de substituição  $B \longrightarrow A$ . (PÊCHEUX, Op.cit, p. 164)

De acordo com isso, percebemos que o pré-construído vai sempre representar algo anterior, formado de acordo com discursos que são antecedentes. Já as articulações vão situar o sujeito e sua identidade, materializada através do sentido. Como já havíamos comentado, o processo discursivo pode fazer uso de recursos como paráfrases, substituições, mas que, no entanto, essas substituições podem ser equivalentes ou não.

Orlandi (1988) comenta a questão das formações discursivas, salientando que: “As palavras mudam de sentido segundo as posições daqueles que a empregam. Elas tiram o

sentido dessas posições, isto é, em relação às formações ideológicas nos quais essas formações ideológicas se inscrevem” (Op.cit., p. 21). Percebemos aqui a relação direta entre as formações ideológicas e o sentido, sendo o último dependente do primeiro. A autora define que as formações discursivas são definidas através do que as formações ideológicas consideram sobre o que pode ou não ser dito, e assim, as palavras receberiam seu sentido de acordo com a formação discursiva na qual são produzidas.

Segundo a autora, uma palavra vai receber seu sentido em sua relação com outras palavras da mesma formação discursiva, e é a partir dessa relação que o sujeito falante consegue se reconhecer. Assim, ela considera que:

A formação discursiva é, enfim, o lugar da constituição do sentido e da identificação do sujeito. É nela que todo *sujeito* se reconhece (em sua relação consigo mesmo e com outros sujeitos) e aí está a condição do famoso consenso intersubjetivo (a evidência de que *eu* e *tu* somos sujeito) em que, ao se identificar, o sujeito adquire identidade. É nela também, como dissemos, que o *sentido* adquire sua unidade. (ORLANDI, 1988, p. 21).

Assim, considerando a relação entre enunciado, texto, discurso e formação discursiva, Orlandi (Op.cit) defende que “A relação entre texto e discurso não é biunívoca (um discurso não é igual a um texto e vice-versa)” (Op.cit., p. 22). Ela salienta que o texto se configura como uma unidade de análise, mas não como uma unidade de construção discursiva. Essa unidade de construção é, na verdade, o enunciado, mas Orlandi (Op.cit) aponta que, sem a referência do texto, ele não pode ser apreendido na construção do discurso.

A autora salienta as considerações de Pêcheux, quando o mesmo ressalta que é impossível analisar um texto por si só, já que ele apresenta uma superfície fechada, com início, meio e fim. É tido que para fazer a análise de um texto é necessário analisar o conjunto de discursos delimitado através das condições de produção, em outras palavras, é necessário tornar o texto em discurso. Orlandi (Op.cit) define que “O texto, de seu lado, se constitui de enunciados. O *enunciado* é enunciado na medida em que aparece em um texto, compreendido este na perspectiva discursiva.” (Op.cit., p. 22). Assim, a autora aponta que podem existir enunciados de formações discursivas diferentes em cada texto. Dessa forma, ela defende que, ao pensar sobre a relação dos textos com a funcionalidade discursiva na constituição dos diferentes tipos discursivos, é possível dizer que um único tipo de discurso possui diversos textos efetivos, que são marcados por formações discursivas divergentes.

Entretanto, Orlandi (Op.cit) alerta que como não existe uma total vocalização do sujeito, uma única formação discursiva acaba por se estabelecer como dominante na

constituição textual. Assim, a autora argumenta que cada texto possui uma unidade discursiva determinada pela qual ele se inscreve num tipo delimitado de discurso. Considerando isso, essa unidade textual é resultante de um efeito discursivo: “o texto é heterogêneo e se *apresenta* como uma unidade, dada sua relação com o discurso e sua inscrição em uma formação discursiva específica que se confronta com outras.” (Op.cit., p. 23).

## 2.1 O sujeito no discurso

Após comentarmos aspectos primordiais das teorias de condições de produção do discurso e de formação discursiva, este tópico se dedica a estudar a noção do sujeito para a AD. Orlandi (1993) propõe uma divisão das concepções de sujeito nas teorias linguísticas modernas em três diferentes fases. Na primeira, o foco estaria na troca, na harmonia da conversação entre o *eu* e o *tu*. A segunda fase, estaria centrada na ideia do conflito, visto que frisaria o *outro* e assim as tensões que o *tu* exerceria sobre o que o *eu* enuncia. Na terceira fase, a autora acredita que, se enveredarmos nessa concepção binária defendida pelas fases anteriores, perderemos a diversificação do sujeito, algo que romperia com o objetivo da AD, que ambiciona visualizar o sujeito em seu caráter contraditório, visto que as concepções idealistas perseguem a completude, mas o sujeito histórico é marcado por uma incompletude.

Pensando nisso, a autora aponta que o sujeito entra localizado numa relação dinâmica entre a identidade e a alteridade, uma vez que o sujeito é complementado em sua relação com o *outro*. Ou seja, não existe aqui uma centralização – como nas concepções previamente apontadas – nem no *eu* nem no *tu*, mas na verdade existe um foco na interação criada por ambos. Orlandi (Op.cit) ressalta que o sujeito só se complementa em sua relação com o *outro*. A autora ainda discorre sobre outras apreensões quanto ao sujeito quando aponta que suas definições de sujeito são derivadas da concepção da linguagem como um trabalho, uma maneira que o homem tem de interagir com a realidade natural e social.

Diante desse patamar, Orlandi (1988) salienta que o texto – seja ele oral ou escrito – pode ser observado diretamente no processo de interlocução, visto que ele é “o centro comum que se faz na interação entre falante e ouvinte” (id., p. 09). A autora complementa sua afirmação, ao ressaltar que o domínio do interlocutor é parcial e por isso só este possui a unidade no/do texto. Por conseguinte, a *significação* acontece no espaço discursivo, este que é “construído pelos/nos dois interlocutores.” (ibid., p. 09). Orlandi sinaliza que essa relação de

integração da unidade textual e da significação é correspondente à incompletude que os sujeitos apresentam em sua constituição.

Além disso, a autora enaltece que “o texto não é a soma de palavras, não é a soma de frases, não é a soma de interlocutores, e tampouco esgota-se em espaço fechado. Tem relação com a exterioridade, com as condições em que se produz, com outros textos.”(Op.cit, p. 10). Orlandi (Op.cit) enfatiza que essa seria a razão para a proposta de uma teoria não-subjetiva do uso da linguagem. E para explicar essa noção de não-subjetividade, a autora aponta que:

Quando dizemos não-subjetiva, queremos dizer que, embora a noção de sujeito seja fundamental, porque não há discurso sem sujeito, há, ao mesmo tempo, uma des-centralização dessa noção: o conceito de discurso despossui o sujeito de seu papel central para integrá-lo no funcionamento dos enunciados dos textos, cujas condições de possibilidades são sistematicamente articuladas sobre formações ideológicas. Não se pode apreender, no discurso, um sujeito-em-si, mas sim um sujeito constituído socialmente, pois não são só as intenções que contam, já que as convenções constituem parte fundamental do dizer. (Op.cit, p. 10)

De acordo com o que aponta Orlandi, o sujeito não pode ser estudado e entendido em sua completude sobre si mesmo, é necessário compreendermos que o sujeito também é constituído pelo meio social no qual está inserido. Em outro momento, a autora retoma essa ideia, ressaltando que os “protagonistas do discurso”, através de sua integração como parte de uma sociedade e de uma ordem cultural, não podem ser tomados utopicamente, mas sim na sua relação com um lugar ocupado por ele no interior de uma formação social. Ou seja, esses sujeitos são “protagonistas *do* discurso e protagonistas *no* discurso: produzem e estão produzidos naquilo que produzem.” (Op.cit, p. 11).

Orlandi; Guimarães (1993) afirmam que o discurso é, na verdade, o fruto de uma dispersão dos textos, sendo o texto uma dispersão do sujeito. Dessa forma, os autores concluem que a relação entre o texto e o sujeito é heterogênea, uma vez que ele pode ocupar diversas posições dentro do texto. Assim, percebemos que os discursos se constituem em duas dimensões: a do texto e a do sujeito. Essas dimensões revelam que a noção do discurso é perpassada pela multiplicidade dos textos e da descontinuidade dos sujeitos.

De acordo com o que explicitam os autores, as formações discursivas – já comentadas no tópico anterior – são correspondentes as diversas posições que o sujeito ocupa no texto. Dessa forma, podemos perceber que um mesmo texto possui diferentes enunciados discursivos, estes que derivam das diversas formações discursivas. Orlandi; Guimarães (Op.cit) salientam que, da mesma forma que o sujeito é heterogêneo, assim o é a sua

ideologia: “A constituição do texto, do ponto de vista da ideologia, não é homogênea. O que é previsível, já que a ideologia não é uma máquina lógica, sem descontinuidades, contradições, etc.” (ORLANDI; GUIMARÃES (Op.cit.; p. 17)

Os autores defendem que, na AD, as posições ideológicas é que constituem o sentido, e isso ocorre através do processo sócio-histórico em que são produzidas as palavras. Se considerarmos que as formações discursivas é que delimitam o que pode ou não ser dito, podemos assim considerar que as palavras são plurisignificativas, pois produzem o sentido das formações discursivas.

Sobre a Ideologia em geral, Pêcheux (1988) afirma: “o conceito da *Ideologia em geral* permite pensar o “homem” como “animal ideológico”, isto é, pensar em sua especificidade enquanto *parte da natureza* [...]” (PÊCHEUX (Op.cit), p. 152). Ele salienta que é dentro desse processo histórico “natural-ideológico” que “A ideologia é eterna”. Essa afirmação faz analogia ao dito Freudiano de que “O inconsciente é eterno”. Assim, podemos perceber a relação que Pêcheux estabelece entre a ideologia e o inconsciente. Compreender essa relação é fundamental para entendermos as duas evidências que constituem o sujeito:

Como todas as evidências, inclusive aquelas que fazem com que uma palavra ‘designa uma coisa’ ou ‘possua um significado’ (portanto inclusas as evidências de ‘transparências’ da linguagem), a *evidência de que vocês e eu somos sujeito – e que isto não constitua um problema – é um efeito ideológico, o efeito ideológico elementar.* (ALTHUSSER, 1985 *apud* PÊCHEUX (Op.cit), p. 153).

Assim, a partir das considerações de Althusser, percebemos as duas evidências que constituem o sujeito, a primeira na qual ele acredita que suas palavras dizem exatamente o que ele quer dizer, e a segunda na qual ele se configura como sujeito espontaneamente, ou seja, que não existem diversos discursos que o constituem. Dessa forma, Pêcheux salienta a noção de discrepância entre “indivíduo/sujeito” uma relação no qual “*o sujeito é chamado à existência*: na verdade, essa formulação evita cuidadosamente a pressuposição da existência do sujeito sobre o qual se efetuará a operação e interpelação – daí não dizer: “*O sujeito é interpelado pela ideologia*”.” (PÊCHEUX (Op.cit), p. 154).

Pêcheux (Op.cit) explica que se essa tese fosse confirmada seria praticamente impossível uma inversão entre a metáfora que relaciona o sujeito e as “pessoas morais”, na medida em que os sujeitos seriam construídos pela coletividade de sujeitos, uma entidade que estaria pré-existente, impondo as marcações ideológicas para cada um dos sujeitos manifestadas em forma de “socialização”. Segundo o pesquisador, o que realmente acontece é

que: “o que a teses: “a Ideologia interpela os indivíduos em sujeitos” designa é exatamente que o “não-sujeito” é interpelado-constituído em sujeito pela ideologia (PÊCHEUX (Op.cit), p. 155). Dessa forma, percebemos que a ideologia faz parte da constituição do sujeito, e por isso não pode interpelar o sujeito se considerarmos que este já está construído.

Pêcheux (Op.cit) também comenta a relação entre o sujeito e o pré-construído: “o efeito de pré-construído como a modalidade discursiva da discrepância pela qual o indivíduo é interpelado pelo sujeito...ao mesmo tempo em que é sempre já sujeito” (Op.cit. p. 156). Percebemos que o sujeito se considera como “dono” de seu discurso, acreditando que o que fala é proveniente de um discurso que é seu. O pesquisador resume que essa evidência do sujeito de se conceber como espontâneo é precedida por “um processo de interpelação-identificação que *produz* o sujeito no lugar deixado vazio” (Op.cit. p. 159). Sobre o sujeito ideológico, Pêcheux afirma: “Quanto ao sujeito ideológico que o reduplica, ele é interpelado – constituído pela evidência da constatação que veicula e mascara a “norma” identificadora” (Op.cit. p. 159). Dessa forma, podemos compreender que tanto o sujeito pelo sujeito, como o sujeito ideológico são interpelados pelo pré-construído. Segundo o autor, a ideologia é que define aquilo que “todos devem saber” ou o que “todos devem fazer”, e dessa forma não possa enunciar “aquilo que se queria dizer”, assim então mascarando aquilo que Pêcheux chama de “transparência da linguagem”.

Uma reflexão que envolve as evidências de sujeito apontadas por Pêcheux é a “teoria discursiva da resistência do sujeito” na qual Orlandi (2012) atenta para a relação de posse que o sujeito estabelece sobre aquilo que ele enuncia. Ela afirma que o pensamento de que “se eu quiser, eu posso” é uma “ilusão de transparência do sujeito para si mesmo” (ORLANDI, 2012. p, 213), ao ponto em que a noção de comunidade “juntos, podemos tudo” também é considerada pela autora como “ilusão de transparência da sociedade” (Op.cit. p. 213) como uma forma de negação da ideologia. Sobre essa questão, Orlandi considera:

Lugar do entendimento da necessidade da política, essas ilusões trazem em comum uma relação com a autoridade do saber e o saber da autoridade. Esquecendo o real e atravessamento do poder (a força) e o atravessamento do sentido (a ideologia, o equívoco), sugerem que quando se quer tudo se pode fazer. Ilusões que derivam da ideologia, esta entendida não como uma ocultação, mas como produtora de evidências, imaginário que relaciona o sujeito a suas condições materiais de existência. Ancilar à articulação do simbólico com o político. Apagamento do real da história, de sua materialidade. (ORLANDI, 2012, p. 213)

Segundo a autora, essas afirmações possuem equívocos e ambiguidades. Ela afirma que: “nos processos discursivos há sempre “furos”, falhas, incompletudes, apagamentos e isto serve de indícios/ vestígios para compreender os pontos de resistência” (Op.cit. p. 213). Assim, podemos perceber a imperfeição da máquina discursiva. Orlandi (Op.cit) reflete sobre essa imperfeição dos processos discursivos, relacionando-a aos lugares discursivos ocupados pelos sujeitos histórico-sociais. Ela acredita que exista uma “tópica cívica”, que seriam os vários lugares de definição nos quais se constituem processos de manifestações de sentidos da cidadania. Assim, essa “tópica cívica” seria o lugar no qual se cruzariam as diferentes condições históricas, sociais e políticas que constituem o sujeito, o que para o sistema capitalista seria a “cidadania”.

## **2. 1. 2 O sujeito feminino**

### **2. 1. 2. 1 O sujeito feminino na psicanálise**

Ao mencionar as questões sobre a constituição do sujeito e de seu assujeitamento, falamos sobre um sujeito de maneira geral, sem distinção de sexo. No entanto, observamos que não existe a igualdade ou total convergência entre os sexos, e que assim se faz importante pensar sobre a visão feminina, sobre o sujeito feminino dentro da sociedade. A fim de comentar aspectos em relação ao papel feminino na sociedade, Maurano (2007 *apud* ZAFIROPOULOS, 2009) resgata conceitos da psicanálise ressaltando que nela a mulher não é descrita e observada apenas quanto ao seu fator empírico, ou seja, em sua existência factual, mas sim em sua posição no coito sexual, que como afirma Freud, é sempre remetida à passividade, diferente da posição ativa do homem. Além disso, a autora cita a teoria de *phallus*, na qual se afirma que o próprio órgão sexual masculino representa a força, a virilidade, porque é ereto, é dominante, algo que se reproduz também no aspecto cultural. Freud complementa essa questão por considerar que a mulher se sinta diminuída em relação ao homem principalmente por conta da dominação fálica.

Maurano (Op.cit) salienta ainda que essa força que a natureza fornece ao homem faz com que ele se sobreponha e crie a cultura, recriando assim o mundo. Dessa forma, a maioria das culturas civilizadas, ou pelo menos as civilizações ocidentais, são patriarcais. Sobre essa questão, Freud (2011 *apud* ZAFIROPOULOS, 2009) aponta que o homem, ao perceber que tinha o poder de melhorar suas condições de vida através do trabalho, seleciona alguém para auxiliá-lo nessa tarefa. Na perspectiva do autor, esse indivíduo é para o homem um

colaborador, com quem convive porque lhe é útil. Na história primitiva, o psicanalista ressalta que o homem havia adotado o hábito de construir famílias, e que esses seriam provavelmente os seus primeiros colaboradores.

Dessa forma, o pesquisador aponta que para essa função auxiliar o macho conserva a fêmea ao seu lado, e esta que também não quer deixar seus filhotes desamparados, também tinha o interesse de permanecer junto ao macho forte. Marauto (Op.cit) ressalta essa concepção, salientando que o universo é constituído por representações simbólicas, e assim, como impera a representação mais forte, o universo é, por conseguinte, fálico. Ainda sobre essa questão temos o apontamento de Freud:

As mulheres representariam os interesses da família e da vida sexual; o trabalho cultural é sempre mais transformado em dever dos homens, ele lhes atribui tarefas sempre mais difíceis, obrigando-os a efetuar sublimações pulsionais, às quais as mulheres são menos aptas. (FREUD, 2011, p. 48-49)

De acordo com a concepção do psicanalista, a mulher estaria passivamente localizada na sociedade por acreditar não ser apta a desenvolver as atividades que os homens desenvolvem. Além disso, o pensador salienta que as mulheres seriam “desde sempre” mães, e que buscariam um homem principalmente pela proteção de seus filhos. Podemos perceber que as concepções do pesquisador estão totalmente pautadas na mulher como ser passivo, estereotipado, que é destinado apenas aos trabalhos domésticos.

### **2. 1. 2. 2 O sujeito feminino e o silêncio**

Acreditamos que as concepções psicanalíticas são um aspecto diferente para observar as questões femininas do discurso. Mas, além disso, as questões referentes ao silêncio são fundamentais para entendermos a forma velada com a qual Berenice se expressava para a sociedade e às vezes para si mesma. Este tópico se destina a análise dos preceitos do silêncio para a constituição do sujeito feminino.

A construção do sujeito feminino se constitui também pelo silêncio. Em nossa pesquisa, a concepção de silêncio adotada é aquela apresentada por Orlandi (1992) todas as referências, neste tópico, remetem para esta obra. A linguagem, em sua expressão oral ou escrita, limita o movimento dos sentidos, que se abrem para a multiplicidade no silêncio, daí a necessidade de uma política do silêncio, conseqüentemente tomar a palavra também pode ser tirar a palavra, fazer calar ou silenciar, que tem o lado da opressão, dominar a palavra, e da resistência, lutar

pela palavra. Nesse contexto, devemos pensar o silêncio como fundante, matéria significativa. Como o homem está condenado a significar e produzir interpretações, até o silêncio tem significado.

Por outro lado, o silêncio também está nas palavras. Os textos, em sua oralidade ou escrita, eliminam a dispersão do silêncio e transformam-no em unidades discretas, formas (palavras) de significação calculável. O silêncio, entretanto, escapa a essas palavras, porque não visível nem observável. No contexto histórico-social, o homem que não fala não tem sentido e ele perde sua relação com o silêncio; nesta sociedade, o silêncio tem um lugar subalterno, há uma exigência de comunicação e apagamento do silêncio. Torna-se, pois, urgente uma compreensão do funcionamento do silêncio na sociedade contemporânea.

Nesse sentido, estas são as perspectivas discursivas de estudar o silêncio: um esforço contra a hegemonia do formalismo e o positivismo na observação dos fatos da linguagem, realização desses dois objetivos implica na consideração do equívoco, dos efeitos de sentido, da historicidade dos textos, através das fissuras, rupturas e falhas que deixam marcas na língua; refletir sobre o silêncio problematiza as noções de linearidade, literalidade e completude, porque os sentidos são dispersos, desenvolvem-se em todas as direções e expressam-se em diferentes meios (escrita, pintura, dança, cinema etc.), por sua vez o silêncio traz a propriedade da incompletude, o que permite o múltiplo e o polissêmico.

Refletir sobre o silêncio extrapola os limites da dialogia e a relação contraditória do sujeito com o outro, surge a falta de simetria entre os interlocutores, pois o silêncio desorganiza a lógica do diálogo: o desaparecimento do eu e sua identificação no movimento para o outro, esse movimento do silêncio impede o não-sentido, produzindo o espaço em que o não-dito é necessário para o dito; refletir sobre o silêncio é pensá-lo não como interpretável (atribuição de sentido ao enunciado) mas compreensível (apreensão dos processos de significação de um texto); finalmente, a reflexão sobre o silêncio deve conduzir a uma decentração da linguagem verbal enquanto espaço privilegiado de significação. Há três modos de aproximar-se do silêncio: trabalhar com a noção de completude (incompletude), analisar as figuras de linguagem, relacionar múltiplos textos (intertextualidade), para verificar, por exemplo, as paráfrases.

Em termos categóricos, há duas formas de silêncio, o silêncio fundante e a política do silêncio (o silenciamento).

Silêncio fundador: Todo processo de significação traz uma relação necessária ao silêncio, que é a própria condição de produção de sentido. No movimento dos sentidos, as palavras

passam ao silêncio e este às palavras, movimento permanente que caracteriza a significação e produz o sentido em sua pluralidade. Contextualizado no plural, o sujeito desdobra o silêncio em suas falas. O sujeito inscreve no discurso um projeto de futuro silencioso. As funções do silêncio são sustenta a linguagem, através da multiplicidade – o excesso de sentido – e da falha – a falta do dizer. Distinguem-se dois silêncios fundadores: a linguagem fragmentável, na qual o sujeito se relaciona com a linguagem sob o domínio do segmentável e a significação como um continuum, não-segmentável mas ainda significante.

O silenciamento: uma política do sentido. Como o sentido é sempre produzido de um lugar, a partir de uma posição do sujeito, ao dizer, ele estará não dizendo outros sentidos; o silenciamento é uma forma de dizer uma coisa para não deixar dizer outras. Há duas formas de política do silêncio: a) o silêncio constitutivo, que pertence à própria ordem de produção do sentido e preside qualquer produção de linguagem: diz-se X para não deixar dizer Y (o sentido descartado), ao dizer algo apagamos necessariamente outros sentidos possíveis, mas indesejáveis, em uma situação discursiva dada, toda denominação apaga outros sentidos possíveis; b) o silêncio local é a interdição do dizer, estratégia política circunstanciada em relação à política dos sentidos, é a produção do interdito, do proibido.

### 3. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

#### 3.1 Natureza da pesquisa

A fim de atender aos objetivos anteriormente apresentados, esta pesquisa se configura como sendo qualitativa interpretativista. Como aponta Esteban (2010), essa perspectiva metodológica surgiu com o intuito de opor-se à concepção empírica adotada pelos positivistas (Ciências Naturais), visto que volta sua análise para os fenômenos sociais. Segundo a autora, o Interpretativismo é uma perspectiva teórica que desenvolve interpretações da vida através do viés social, além de analisar aspectos culturais e históricos no mundo.

Pensar sobre o tipo de pesquisa é fundamental para analisar propriamente o *corpus* que fora escolhido. Como a presente pesquisa busca analisar discursivamente uma obra literária, consideramos imprescindível refletir sobre os apontamentos de Orlandi (1999, p. 59), quando a autora menciona que: “A análise do discurso não procura o sentido “verdadeiro”, mas o real do sentido em sua materialidade linguística e histórica”. Além disso, a autora salienta o viés interpretativista da AD quando comenta que a delimitação do *corpus*, para esse tipo de análise, não é pautada em critérios empíricos – ou positivistas – mas sim teóricos. A partir do que ressalta Orlandi, podemos entender a importância da análise interpretativista, uma vez que a AD não busca uma interpretação fechada, ou completa, mas sim a interpretação da obra em “sua espessura semântica, sua materialidade linguístico-discursiva” (op.cit p, 63).

#### 3.2 *Corpus* de análise

A análise aqui almejada se propõe a encontrar em, *A imaginária* as marcas linguístico-discursivas que expressam o sujeito feminino dos anos 50, mas especificamente representada pela protagonista do romance, Berenice – o *alter ego* de Adalgiza Nery – em seus efeitos de sentido. Através dessas marcas, seremos capazes de entender a constituição do sujeito feminino representado no livro, e assim, poderemos pensar na constituição discursiva desse sujeito, buscando identifica-lo em uma das formações discursivas supracitadas, a tradicional ou a moderna, ou em outras materializadas no texto.

Do *corpus*, serão extraídos dois objetos de estudo: o empírico, constituído dos recortes textuais do romance em estudo; e o teórico, constituído das sequências discursivas reconfiguradas a partir das categorias analíticas de sujeito, efeitos de sentido e formação discursiva.

#### **4. DE PERSONAGEM A SUJEITO: UMA ANÁLISE DO EFEITO MULHER NO ROMANCE *A IMAGINÁRIA*, DE ADALGISA NERY.**

A fim de responder ao questionamento central da pesquisa – Como se constitui discursivamente o sujeito feminino, em *A imaginária*, de Adalgisa Nery? – desenvolvemos nosso trabalho de análise com 30 (trinta) recortes retirados do livro de Adalgisa Nery, nos quais destacaremos as sequências discursivas (doravante SD), objeto de análise. Esses recortes foram selecionados por se apresentarem como passagens importantes para compreender a vida da personagem Berenice, bem como seus conflitos, suas angústias e sua visão sobre si mesma em seu papel como mulher.

Para facilitar o procedimento de análise, dividimos os recortes em dois momentos: os 15 (quinze) primeiros são analisados em sua representação da formação discursiva feminina, enquanto os outros (15) são analisados quanto à construção imaginária da mulher. Através das análises, consideraremos os conceitos da AD, previamente apresentados. Nesse sentido, buscamos observar como se constitui, discursivamente, o sujeito feminino e verificar os efeitos de sentido que produzem o sujeito feminino, no romance referido. Considerando que a nossa análise é pautada na investigação discursiva do romance *A imaginária*, dedicamos este momento para fazer um breve resumo sobre o enredo da obra, para que assim, o leitor possa ter uma melhor compreensão da análise que vem a seguir.

Em *A imaginária*, Adalgisa Nery conta a história de Berenice, uma menina sonhadora e criativa, que observava todos a sua volta de maneira sensível e profunda. Aos oito anos, Berenice perde sua mãe, e passa a cuidar de seus irmãos, junto ao seu pai. É então que aos quinze conhece o amor, através do seu vizinho. Eles namoram por pouco tempo e então decidem se casar. Berenice sai da casa de seu pai e passa a morar com o marido, sua sogra e a irmã de sua sogra, num ambiente que ela pensava ser saudável para o seu casamento e a construção de sua família. No entanto, com o passar do tempo, Berenice descobre que a casa era, na verdade, um lugar para brigas, loucuras, surtos, e que sua sogra, seu marido e sua tia viviam a se digladiar de tempos em tempos, fazendo do seu dia-a-dia um inferno. Em meio a esse ambiente conturbado, Berenice e o marido tiveram dois filhos. Ela tentava criar seus filhos de forma saudável, tentando afastá-los de todas as insanidades daquela casa. Em meio a todos esses aspectos negativos, e casa em que Berenice vivia recebia a visita de vários intelectuais e personagens da cultura brasileira, amigos de seu marido. Ela conta que, por mais que não pudesse participar e ter voz naquelas reuniões, ela adorava estar ali, ao lado de seu marido, ouvindo-o expressar suas opiniões, as quais ela considerava extremamente

inteligentes. O tempo passou, e Berenice descobriu que seu marido, por quem ela detinha um grande fascínio, estava doente. A fim de se curar de uma tuberculose grave, ele se isola do mundo urbano e passa a viver longe de sua mulher e de seus filhos. Após alguns meses, ele consegue se curar e volta para a sua casa. Após passar por essa dificuldade envolvendo seu marido, Berenice vive outro momento de crise: ela descobre que está sendo traída. Ela, apesar da tristeza causada pela traição, não deixa seu marido, este que volta a ficar debilitado. Sabendo que ele não terá como se “despedir” de sua amante, lhe faz um pedido: ele a pede que vá a casa da mulher e lhe entregue uma carta, na qual explica a sua condição e os seus sentimentos por ela. Berenice vai, a conhece e entrega a carta. Pouco tempo depois, seu marido tem uma piora e morre, deixando-a viúva e mãe de dois filhos. Assim, Adalgisa finaliza sua obra, escrevendo sobre aquela mulher que vivia procurando o amor, exaltado pela sua sensibilidade.

#### **4.1 As formações discursivas femininas**

Respaldados no aporte teórico apresentado anteriormente, dedicamos essa seção à análise dos 15 (quinze) recortes selecionados. Esses recortes foram selecionados por apresentarem considerações importantes sobre a vida da personagem Berenice, em suas maiores dúvidas, questionamentos e reflexões. Nos excertos selecionados, nos deparamos com uma Berenice que transita por suas memórias e inseguranças. A partir do que vamos apresentar na análise, podemos entender porque a personagem entra tanto em conflito consigo mesma, e também a maneira como ela se observa, no tocante aos seus papéis sociais de mãe e esposa.

Consideramos que a noção de formações discursivas tenha sido de fundamental importância para entendermos o universo particular relatado por Berenice. Nele, ela aponta, muitas vezes, não ter tido poder de escolha sobre situações importantes de sua vida. Acreditamos que as formações discursivas dominantes foram de fundamental importância para a constituição do texto e das concepções de Berenice acerca do papel social que deveria ser desempenhado pela mulher. A seguir, comentaremos esses aspectos justificando-os com passagens da obra.

**R1- Às vezes, o pensamento me vem, como agora. É como se todos os instantes em que vivi tivessem deixado uma profunda marca sobre as múltiplas facetas do meu ser. (NERY, 1959, p. 19)**

Na SD 1, percebemos como a personagem desliza por suas memórias, refletindo sobre quem é, e sobre o que a constituiu. Na SD em negrito, percebemos que Berenice relata que suas experiências pessoais acabaram por constituí-la como sujeito multifacetado. Pêcheux (1988) comenta essa noção da interpelação do sujeito pela ideologia, quando menciona a importância das diversas formações discursivas para a constituição do sujeito. Acreditamos que a personagem busca demonstrar a importância das pessoas e dos acontecimentos da vida para a sua constituição como mulher.

R2- As portas do meu ser, lentamente, se abrem e despejam na imobilidade da noite todas as imagens que participam **dos meus erros e dos meus acertos ocasionais**. (NERY, 1959, p. 19)

Nessa SD, como também na SD anterior, percebemos, mais uma vez, a constante reflexão da personagem com o seu passado, suas escolhas, suas decisões. Ao que nos parece, ela está sempre em conflito com as atitudes que toma, e o que sua própria consciência – ou a noção dos valores da sociedade da época – esperavam dela. Por valores da sociedade entendemos a posição social da mulher como “dona de casa”, que não pode expressar-se como ser intelectual e independente.

Além disso, direcionamos nossa atenção para o momento em que ela acrescenta aos substantivos “erros” e “acertos” o adjetivo de “ocasionais”, nos mostrando a frustração dela com a suas escolhas na vida, sendo as erradas muito mais numerosas do que as certas, e as últimas acontecendo apenas ocasionalmente. Acreditamos que a noção de erros e acertos, melancolicamente mencionada por Berenice, é pautada, em sua maioria, na formação discursiva tradicional da visão feminina, que a aprisionava dentro de uma concepção de mulher “obediente” que se mostrava passiva quanto à figura masculina.

R3- O vigor da vontade sobre a integridade dos meus sentidos se esfacela na luta de analisar os vagos traços da ligação na soma de experiências, erros e ímpetos mal distribuídos durante **a minha vida**, que, afinal, **está resumida apenas numa simples contagem de anos**. (NERY, 1959, p. 19)

Na SD apresentada acima, percebemos a representação da formação discursiva tradicional ainda mais explícita, uma vez que a personagem comenta que o seu “vigor da vontade sobre a integridade de seus sentidos” é esfacelado quando ela se propõe a analisar sua vida, seus erros. Ao que nos parece, Berenice analisa sua vida salientando o quanto não

conseguiu atender as suas expectativas pessoais. Considerando o apontamento de Pêcheux (1988), quando este afirma que o sujeito é interpelado pela ideologia, podemos afirmar que esse conflito vivido pela personagem de não atender as suas expectativas pessoais, é, na verdade, um reflexo da noção de ideologia dominante da década de 50, na qual a mulher tinha que ser sinônimo de beleza e alegria em cuidar de seu lar e de seu marido.

Na obra, Berenice se mostra como uma mulher infeliz, que vivia em meio a brigas e loucuras, ocasionadas pelo relacionamento tumultuado entre sua sogra com o seu marido. Além disso, ela entrava em constantes questionamentos sobre o seu papel de mãe e de esposa, duvidando exercer tais “funções” eficazmente, devido a sua pouca idade e inexperiência. Essa infelicidade também pode ser comprovada pela passagem em negrito, na qual ela salienta que sua vida: “está resumida apenas numa simples contagem de anos”. (Op.cit, p. 19).

**R4- Um volume espesso de vozes em surdina atira o pensamento contra as paredes do meu ser indefeso**, e larga-me, depois, numa nostálgica e confusa recordação do presente e de um passado incomensuravelmente perdido. Nada pertence propriamente à minha memória esgarçada em tempos memoriais. Sinto-me flutuando no espaço e vejo os acontecimentos se incorporando um a um ao meu espírito. (NERY, 1959, p. 20)

Nessa SD, percebemos que Berenice menciona mais uma vez a relação entre a maneira como se sente e as diversas “vozes” que percorrem seu pensamento. Mas, além de percorrerem sua consciência, essas vozes também a condenam, algo que ela deixa evidente ao comentar que esse volume de vozes: “atira o pensamento contra as paredes do meu ser indefeso, e larga-me” (NERY, 1959, p. 20). Sobre esse sujeito do romance, Bakhtin afirma ser ele um “*homem essencialmente social*” (BAKHTIN, 1993, p. 135) e dessa forma seu discurso não seria individualizado.

Além disso, o autor afirma que “O sujeito que fala no romance é sempre, em certo grau, um *ideólogo* e suas palavras são sempre um *ideograma*.” (Op.cit. p. 135). Assim, podemos considerar que as inseguranças de Berenice não apenas a representam como mulher, mas representam as angústias das mulheres de sua época, de seu horizonte social. Aqui, mais uma vez, percebemos a importância da ideologia, tanto pelo que afirma Bakhtin – o sujeito do romance como ideólogo – tanto pelo que afirma Pêcheux (como havíamos mencionado anteriormente). O sujeito não se representa apenas como único e central, responsável por suas palavras, mas invadido por diferentes formações discursivas – “um volume espesso de vozes” – ele reforça a si próprio como multifacetado, sem uma formação discursiva característica. Caracteriza-se a tensão entre “mulher” e “ser indefeso”.

R5- E sempre, como agora, desce o pensamento e cobre a **menina** que um dia eu fui, mas prematuramente desgarraram do ventre de uma época que completaria o seu ciclo. Reconheço que não cheguei a ser um acontecimento. Pela exígua medida da minha vida dentro do eterno, sou e serei apenas uma experiência. Muitos milhares de dias separaram-me da minha infância e da **mulher** que sou hoje. **Farei o esforço para retroceder na medida do possível às recordações da minha meninice. Tentarei me transformar naquilo que eu pensava ser.** (NERY, 1959, p. 21)

Nessa SD, é possível entender mais sobre o universo triste da personagem. A todo momento, Berenice demonstra como sua vida não detém nenhum caráter único ou especial, e se enquadra na realidade de qualquer mulher, ou melhor, de qualquer ser humano. Além disso, ela parece estar em um transe nostálgico, sempre lembrando momentos de sua vida, e, na maioria das vezes, se reclamando de suas atitudes, de seus erros e de como as coisas culminaram. Nesse fragmento em especial, ela menciona a sua infância, e como a menina Berenice se difere da Berenice mulher.

Essa passagem se configura quase que como um diálogo indireto entre Berenice em dois momentos distintos de sua vida, o atual – da Berenice mulher – e o passado – da Berenice menina. Conseguimos também perceber o tom de desgosto e justificativa da Berenice atual em observar o quão diferente ela está da Berenice do passado, esta que se imaginava completamente diferente, esta a qual os sonhos não foram cortados pela voz forte dos preceitos sociais.

Dessa forma, conseguimos perceber que a pequena Berenice se faz importante para a Berenice atual por conta desse fator, a pureza, porque ela, como criança, havia construído uma imagem de si que pensava representar o real: “Tentarei me transformar naquilo que eu pensava ser”. (NERY, 1959, p. 21). Percebemos, nessa fala da personagem a noção do pré-construído pecheutiano, uma vez que ela narra a não-transparência da imagem que havia construído para si, uma vez que ela não queria se transformar no que era, mas naquilo que era o resultado das formações discursivas dominantes, aquilo que ela pensava ser, de onde resulta o conflito discursivo entre as formações discursivas de menina e mulher.

R6- **Puseram-me à parte da maioria dos seres humanos, de que difiro pela sensibilidade, imaginação e memória, pela emoção e pela interpretação,** se bem que durante a vida não cessasse de sentir, dolorosamente, como eram fracas e íntimas, em mim, essas faculdades eu acabo de enumerar. (NERY, 1959, p. 22)

Nessa SD, diferente dos fragmentos anteriores, a personagem se coloca em um lugar especial. Até o presente momento da análise só reportamos uma Berenice diminuída, cuja vida era apenas uma contagem de anos, sem importância. No sexto recorte, percebemos que ela fala de si como alguém que possui uma poeticidade diferenciada da maioria das pessoas: “Puseram-me à parte da maioria dos seres humanos, de que difiro pela sensibilidade, imaginação e memória, pela emoção e pela interpretação” (Op.cit, p. 22). A partir dessa afirmação, conseguimos perceber que Berenice compreende o seu alto grau de sentimentalismo, ao passo que ela também entende o processo de castração por ela sofrido, uma vez que ela se utiliza de um advérbio muito forte ao falar da sua vivência emocional: dolorosamente.

Como apontamos anteriormente, Pêcheux (1988) salienta que todo sujeito é interpelado pela ideologia, e não existe de forma transparente, mas sim há um sujeito pré-construído. No fragmento analisado previamente, temos a menina Berenice ressaltada, com sua inocência de pensar o que achava ser. Neste fragmento em questão, temos a mulher Berenice, se reconhecendo, entendendo que sua vida foi dolorosa demais para que ela pudesse expressar aquele sentimentalismo inerente que pulsava em seus anos juvenis. Ou seja, Berenice se reconhecia como mulher que havia perdido parte de sua emoção por conta de sua vida difícil e das obrigações a ela demandadas. Não era sua a escolha de calar a poesia que pulsava em si, mas sim da sociedade que a “aprisionava” numa formação discursiva tradicional.

**R7- E qual é essa categoria a que pertencem? Quais são essas pessoas que formam um grupo?** São os poetas e artistas que possuem no mais alto grau a faculdade de viver não somente o seu próprio tempo e as suas impressões, mas também a vida exterior e a vida interior dos outros através do cálculo da sensibilidade. (NERY, 1959, p. 22)

Nessa SD, ela menciona, mais uma vez, a importância da sensibilidade, salientando que os poetas e artistas são os únicos a conseguir calcular a sensibilidade. Ela coloca esse grupo de pessoas como sendo fantástico, pois eles teriam a capacidade de viver além de seu tempo, entender e classificar as pessoas. Mas para este momento de análise o fundamental é entender a busca de Berenice por um lugar, uma classificação, uma vez que, pertencer a um certo grupo é também sentir-se aceita, o que para ela sempre foi muito difícil – como já mencionado no fragmento anterior.

Ela se considerava diferente, pois consentia possuir um sentimentalismo diferente da maioria das pessoas. Isso a fazia diferente. Ela percebia que os artistas e poetas também eram

diferentes, também possuíam essa carga carregada de emoção. Mas apesar disso, a personagem não conseguia se reconhecer entre eles, talvez por não ter conseguido expor – naquela época – toda a poeticidade que ela sabia caber dentro de si. Muito dessa castração já foi falada, uma vez que Berenice sempre era trazida de seus voos imaginários por ser uma menina “incomum”. Dessa forma, é possível perceber que os discursos que circulavam sobre a mulher daquela época a mantinham num lugar de passividade; elas estavam predestinadas a serem “donas do lar”, boas esposas, e esse era o grupo em que Berenice deveria se encontrar, e se isso não acontecesse, seu comportamento seria “incomum”. Essa formação discursiva de mulher passiva é explodida, na medida em que o sujeito categoriza a si própria como pertencente à formação discursiva de poetas e artistas.

**R8- Esta sede de afirmar o ego dentro de vários conflitos e tormentos é a base do sentimento de universalidade.** Pela sensibilidade sem limites em todos os planos, eu poderei alcançar o sentido universal. **Mas adquirido esse sentido universal, eu fracassarei na vida individual.** Daí o desequilíbrio a que me referi acima. (NERY, 1959, p. 22)

Nessa SD, temos duas formações discursivas em conflito – a universalidade e o individual – que caracterizam a definição desse sujeito. Percebemos uma tensão nas considerações de Berenice; em alguns momentos suas lembranças permeiam o lirismo de sua infância, com saudades e sentimentalismo; em outros constituem em memória crítica de análise da sua condição feminina. Na medida em que a mulher – “vida individual” – perde, a artista e poeta de reflexões crescem como sujeitos. Como aponta Freud (2011) a mulher busca na visão masculina a guarnição e o apoio biológico e social. Ela pode viver dentro de uma união infeliz, apenas para gozar da segurança que aquela relação fornece a ela, como mulher, e aos seus filhos.

Percebemos que a visão de mulher sustentada por Freud (2011) estava longe do que Berenice pensava para si mesma. Apesar de viver sobre as dominações da sociedade conservadora de sua época, a personagem sabia que poderia mais, que poderia ser muito mais do que uma boa mãe e uma esposa. Na verdade, ela demonstra querer viver de tudo um pouco: cuidar de sua família e exercer sua função de intelectual, expressando sua sensibilidade aguçada. No entanto, Berenice parece sufocada naquilo que é planejado para sua vida pelos outros; e aquilo que ela almeja para si mesma. Nessa SD, fica evidente como a personagem não consegue encontrar um equilíbrio entre essas duas instâncias de sua vida,

parecendo ter que escolher entre a mulher que pensa ser e a mulher que a sociedade espera que ela seja.

**R9- Eu sempre fui tachada da menina imaginativa, falando coisas fora da realidade e criadora de fantasmas.** Estariam eles certos? Que culpa tinha eu de viver sinceramente as realidades do meu mundo governado pelos meus sentidos? (NERY, 1959, p. 25)

Nessa SD, mais uma vez, Berenice comenta aspectos de sua infância. Ela menciona a visão que sua família tinha dela quando ainda criança: “Eu sempre fui tachada da menina imaginativa, falando coisas fora da realidade e criadora de fantasmas” (NERY, 1956, p. 22). Percebemos que os familiares de Berenice não conseguiam entender as associações feitas por ela, muito menos sua sensibilidade quanto à vida e às pessoas. É nesse momento de reflexão – já como adulta – que Berenice questiona a legibilidade da opinião de seus familiares, buscando entender a si mesma. A formação discursiva imaginativa adquire um novo sentido pela narradora, na medida em que, ao servir de título da narrativa, aparece como a formação discursiva que organiza a autoria.

Percebemos que nesse momento ela tenta reafirmar a maneira como desenvolvia tais pensamentos imaginativos, salientando que quando estava sonhando, ou imaginando, ela estava vivendo verdadeiramente em seu mundo. Acreditamos que ao explicar a noção de “seu mundo” e “seus sentidos”, Berenice nega a influência das formações discursivas dominantes em seu discurso, acreditando ser tudo aquilo que ela conseguia imaginar proveniente de sua própria consciência, sem influências externas. De acordo com o que mostramos da teoria pecheutiana, essa impressão de Berenice também é sentida por muitos sujeitos, que acreditam “ser donos” de seu próprio discurso. No entanto, Pêcheux (1988) afirma que o sujeito já nasce sujeito porque é permeado por diversos discursos que o constituem e assim, tudo que enuncia, será interpelado por esses discursos.

**R10- Eu tinha o hábito de inventar palavras que substituíssem as conhecidas.** Casa, eu chamava de tali, cama de muri, sono de alin, água de glanqui, pessoa e gedun, criança de parmo – e assim arranjei uma fuga que me encantava. Da minha linguagem inventada, alguns riam e outros alarmavam: “Está maluca”. “Essa menina não é normal”, “Onde essa menina aprendeu tanta tolice?” Eu ouvia os comentários e sentia-me mais forte nessa linguagem secreta. (NERY, 1959, p. 26)

Nessa SD, Berenice continua a sua viagem ao passado. Aqui, ela menciona que, além de viver a imaginar coisas e situações, ela também inventava palavras, a fim de fugir do

mundo que era comum a todos. Mas esse vocabulário individual inventado por ela, era acima de tudo, uma autoafirmação de sua capacidade criativa, a qual ela considerava como sendo a expressão de seu próprio mundo. Aqui cresce a formação discursiva de poeta e artista, com a representação de uma “língua” diferente da comum e corriqueira.

A personagem também comenta a reação negativa daqueles que conviviam com ela e testemunhavam suas “maluquices lexicais”. Ao que nos parece, essa reação negativa também a enaltecia a continuar com seus devaneios imaginativos, pois a faziam adentrar mais em um mundo que ela considerava ser só dela. Podemos perceber essa força de seu mundo expresso em seu vocabulário na seguinte passagem: “Eu ouvia os comentários e sentia-me mais forte nessa linguagem secreta.” (NERY, 1959, p. 26). Esse fato linguístico causa um distanciamento e um estranhamento do sujeito diante dos outros. O sujeito procura costurar, no interdiscurso de formações discursivas, aquela formação discursiva que a distingue, a de poeta e artista.

R11- Por que haveria eu de me habituar a repetir a **verdade dos adultos**, acreditar e confiar neles, se as suas atitudes, os seus gestos e mesmo as suas palavras eram constantemente uma viva **contradição** da realidade? (NERY, 1959, p. 26)

Nessa SD, percebemos a relação com as passagens anteriormente analisadas, uma vez que Berenice continua justificando seu comportamento e suas criações. Na passagem em negrito, percebemos que ela salienta que existia uma “verdade dos adultos”, numa intenção de mostrar que aquilo pensado pelos adultos era apenas constituído pela força da ideologia dominante, pelo consenso que eles haviam chegado sobre o que era certo, normal e verdadeiro. O interessante é perceber que Berenice, ao chegar em sua fase adulta, percebe a força que detinha quando ainda criança, de perceber que aquele discurso enunciado pelos adultos era, nada mais, nada menos, aquilo que eles queriam acreditar ser a verdade, mas que era, na verdade, a verdade construída pelas formações discursivas dominantes. Ao verificar a “contradição” dessa “verdade”, o sujeito desvela o verdadeiro sentido da formação discursiva da sociedade dominante: as palavras dos adultos não são confiáveis, não se sustentam na realidade.

R12- Queria me sentir firme comigo mesma. Porém não encontrava uma atenção. Por isso me fui tornando um ser com duas visões: **a que eu recolhia dos outros e para os outros e uma muito especial e difícil que era a do meu mundo escondido.** (NERY, 1959, p. 27)

Nessa SD, Berenice afirma a insegurança de expressar-se como realmente era (ou como aquela que acreditava ser a seus próprios olhos). Nessa busca constante por sua identidade social, ela afirma ter se dividido entre uma pessoa para os outros e uma outra pessoa que ela considerava especial, por esconder o seu próprio mundo. Percebemos a dificuldade de adequação de Berenice em vários momentos de sua vida; primeiro, ainda quando criança ao ser criticada por todos por ser “diferente”, imaginativa e ter inventado um dialeto particular.

Na SD 12 (doze), percebemos também a insegurança da personagem como adulta, na maneira como ela ressalta se mostrar de forma diferente do que realmente considera ser. De acordo com o que já apresentamos sobre as relações de Berenice com seus familiares e amigos, podemos perceber a importância das formações discursivas no seu discurso. No momento em que ela afirma possuir duas versões de si mesma – uma para os outros e outra para si – ela reflete a importância do discurso normativo das formações discursivas tradicionais de sua época, evidenciadas pela visão passiva da mulher. O sujeito ainda se divide em duas formações discursivas – a social – aquela em que as vozes alheias permeiam e habitam a face individual da pessoa – e íntima – aquela em que a voz escondida e artística se revela contra as pressões do mundo externo. Essa tensão social x íntimo caracteriza a constitutividade discursiva desse sujeito feminino, num jogo de máscaras e espelhos.

**R13- A história do indivíduo em geral é a história do mundo.** Na esfera do pensamento, como na esfera do tempo, só existe o movimento mecânico e sem reflexos. **Várias coisas que podiam ser esquecidas voltam à nossa memória como círculos em série.** A mais imperceptível ação constrói ou destrói o nosso espírito e o nosso caráter. **Entretanto não fazemos atenção a esses grãos de areia que formarão os muros da nossa existência.** Mais tarde ficamos estonteados pelo que a vida nos mostra e culpamos o mundo e a humanidade. As acusações que atiramos podem ter razões positivas de desgosto, mas o mundo que formamos para nós mesmos é muito mais terrível e implacável do que aquele organizado e desorganizado por outros. Muitas vezes o sofrimento nos parece destituído de sentido porque a análise superficial que praticamos dos nossos atos não acusa nitidamente a cooperação consciente para a sua formação. Porém se afundarmos nessa análise sobre todas as nossas atitudes, mesmo aquelas silenciosas e invisíveis, veremos as raízes que plantamos para o crescimento da árvore tão gigantesca. **Nada sai de ninguém contra nós. Os mais sérios conflitos, nos quais muitas vezes nos debatemos até a sufocação, têm o seu início nos fragmentos obscuros dos desacertos que provocamos contra nós.** (NERY, 1959, p. 49)

Nessa SD, percebemos que a personagem faz – através de sua própria vida – uma reflexão social. Primeiramente, ela afirma que “A história do indivíduo em geral é a história do mundo” (NERY, 1959, p. 49) reafirmando a concepção bakhtiniana já mencionada nesta análise, de que o homem é um indivíduo social. Assim, é possível percebermos a forte compreensão do social adotada pela personagem, que entende a importância do social – e dessa forma a ação de sua ideologia – para a transformação de indivíduos em sujeitos. Como afirma Pêcheux (1988), todo indivíduo é previamente interpelado pela ideologia e por diversos discursos que circundam a sociedade, e assim, ao nascer, se torna sujeito constituído pelas formações discursivas dominantes.

Em seguida, ela continua a pensar sobre a condição do sujeito social ao ressaltar que: “Várias coisas que podiam ser esquecidas voltam à nossa memória como círculos em série”. (NERY, 1959, p. 49). Se existem coisas as quais não queremos mais recordar é porque provavelmente elas retratam momentos ruins de nossas vidas, ou então, atitudes ou escolhas com as quais não concordamos. Mas Berenice acentua a teimosia desses momentos ruins voltarem as nossas mentes, desses momentos não conseguirem ser esquecidos por nós. Mas se voltarmos ao primeiro momento desse fragmento, no qual ela considera que a história do homem é na verdade a história do mundo, podemos compreender que o mundo – ou o social – ocupa muito mais espaço em nossos conflitos e decisões do que aquilo que imaginamos. Então, essa cobrança por decisões certas, por ações “corretas”, ou por não esquecer erros do passado é feita muito mais pelos discursos sociais que carregamos em nossa construção de sujeito do que por uma cobrança pessoal.

É então que a personagem salienta a importância desses diversos discursos que nos interpelam: “Entretanto não fazemos atenção a esses grãos de areia que formarão os muros da nossa existência” (NERY, 1959, p.45). Nesse momento, ela evidencia a importância dos acontecimentos, e das formações discursivas que nos circundam, para a nossa constituição como sujeitos. Como afirma Pêcheux (1988) o sujeito acredita ser dono de seus discursos e ideias. É como se ele sempre fosse sujeito por si só, sem a interferência da ideologia e das formações discursivas. Aqui, Berenice revela essa falta de atenção para com as esses discursos – ou grãos de areia – que nos fazem construir quem acreditamos ser.

Por fim, a personagem salienta que nós somos culpados de todos os conflitos que vivenciamos: “Nada sai de ninguém contra nós. Os mais sérios conflitos, nos quais muitas vezes nos debatemos até a sufocação, têm o seu início nos fragmentos obscuros dos desacertos que provocamos contra nós.” (NERY, 1959, p. 49). Ela não aponta que nós somos

causadores desse sofrimento, mas que o nosso grande erro é não prestar atenção nas pistas que a vida nos dá, nesses “grãos de areia” que vão construindo nossas concepções e interpelando nossa formação como sujeitos. Se não conseguimos refletir sobre como construímos nossa concepção do que seria certo ou errado, também não poderemos nos compreender ao cometer erros e acertos. Ficaremos à mercê do que a sociedade considera certo, e assim, entramos em conflito, por não conseguir adequação àquilo que propõe o social.

R14- Sei que o provisório é a própria vida e sei, também, que estarei nele sempre como acidente sem ao menos integrar-me momentaneamente. **Posso modificar-me ou ser suprimida, mas nunca alterada a coisa provisória que realmente sou.** (NERY, 1959, p. 56)

Nessa SD, podemos perceber que a personagem desliza poeticamente sobre seu próprio universo, fazendo reflexões sobre sua existência. Mais uma vez, Berenice mostra-se desintegrada, perdida em sua relação com a vida e com a sociedade: “Sei que o provisório é a própria vida e sei, também, que estarei nele sempre como acidente sem ao menos integrar-me momentaneamente” (NERY, 1959, p. 56). Nessa passagem, é possível perceber como Berenice parece estar sempre desconfortável em sua relação com a vida, qualificando-se como um “acidente”. Em seguida, ela tenta explicar essa sua incompatibilidade com os imprevistos da vida, dizendo que pode até ser modificada superficialmente, mas nunca deixará de ser uma modificação constante de si mesma. Essa análise paradoxal que Berenice realiza sobre si mesma – destacada no excerto acima em negrito – pode representar a pressão exercida pela sociedade em tentar moldá-la, ou adequá-la ao que considera ser certo. No entanto, essa tarefa é falha, pois ela nunca deixará de ser quem é, ou então modificar suas concepções.

Acreditamos que a personagem vive em uma guerra com o que a sociedade almeja que ela seja, e o que ela considera realmente ser. Através de suas inseguranças – expostas desde a sua infância – é possível entendermos o papel das ideologias dominantes para a formação discursiva de Berenice, que apesar de entender-se diferente dos outros, acaba tendo que compactuar para adequar-se ao meio. Essa formação discursiva dominante caracteriza seu próprio universo como *coisa provisória*, aquela porção que constrói e destrói o que ela acredita ser *acidente*. Em seu discurso, a vida é um acidente provisório, semelhante a uma obra de arte, que sempre pode ser modificada, ou melhorada.

R15- Há uma ambivalência de forças na maneira de sentir ou de querer que me dão a sensação de elementos provocantes de luta em que eu propriamente

não me sinto em jogo, mas coloco-me vibrante como espectadora. **Sinto uma realidade de contrastes fascinantes que me impulsionam a essa espécie de curiosidade guerreira contra a vida, contra o meu pensamento, no afã de medir a minha sensibilidade.** (NERY, 1959, p. 71).

Nessa SD, novamente encontramos com a Berenice que busca sair de si mesma. Aqui ela menciona que existe uma dualidade entre o querer e o sentir, mas que ela apenas observa tudo, não participando ativamente dessa “guerra” de sentimentos. Em seguida, ela menciona a tensão que ocorre em sua cabeça: “Sinto uma realidade de contrastes fascinantes que me impulsionam a essa espécie de curiosidade guerreira contra a vida, contra o meu pensamento, no afã de medir a minha sensibilidade.” (NERY, 1959, p. 71). Percebemos como Berenice se testa a todo momento, mas ainda assim não se sente livre para explorar seus pensamentos. Também consideramos fundamental nessa passagem entender a grandiosidade que a personagem atribui ao seu sentimentalismo, sendo este a coisa mais preciosa que possui, e que está com ela desde seus dias como menina.

Assim, a “guerra” nos pensamentos de Berenice começa, a partir do momento em que ela questiona o mundo e seus próprios pensamentos. O que nos parece é que ela tenta, a todo momento, lembrar a si mesma de que, apesar de pertencer a esse mundo e ter que compactuar de certas formações discursivas, ela é diferente, não por ser superior a ninguém, mas por ter um sentimentalismo diferenciado. O interessante é percebemos que Berenice mostra sua resistência as concepções das FDs tradicionais ao escrever um livro que fala sobre suas insatisfações pessoais. Ela não se mostra completa ou perfeita por possuir uma família, uma casa e um marido. Pelo contrário, ela entende a importância da família em sua vida, mas sabe que pode mais, que merece mais. Assim, ela repensa sua vida, suas atitudes a todo instante, a fim de não se perder de si mesma.

## **4.2 A construção imaginária da mulher**

Dedicamos esse tópico para as reflexões de Berenice, agora como uma mulher casada, que fala de si mesma enquanto esposa e mãe, e enquanto menina imaginativa preenchida de sensibilidade. Nesses recortes, percebemos que Berenice se mostra cada vez mais distante da menina imaginativa que sonhava e vivia num mundo só seu. A Berenice desse momento mostra conflitos pessoais, busca um caminho para encontrar a si mesma, algo que ela achava conhecer muito bem. Também percebemos que a personagem tenta constantemente justificar suas atitudes, mostrando assim a força das ideologias dominantes para a constituição de Berenice enquanto mulher dos anos 50.

R16- Observo os acontecimentos e as pessoas e, com o mesmo cuidado ou, talvez, maior ainda, **analiso-me numa curiosidade sem perdão** e verifico então, depois dessas contínuas inspeções que **apenas recolhi um conhecimento precário e falho daquilo que geralmente devo ser.** (NERY, 1959, p. 93)

Nessa SD, como já foi comentado, esse segundo momento da análise será dedicado a estudar a concepção de sujeito construída por Adalgisa Nery em sua protagonista Berenice. Percebemos que as reflexões da personagem giram, a todo o momento, em torno de suas observações quanto ao mundo e principalmente às pessoas a sua volta. Nessa SD, observamos que Berenice se analisa friamente, numa “curiosidade sem perdão” e depois de se inspecionar ela conclui que: “apenas recolhi um conhecimento precário e falho daquilo que geralmente devo ser.” (NERY, 1959, p. 93).

Mais uma vez é possível notar a forma como a personagem se condena por não ser aquilo que “deve ser”. Orlandi (1988) comenta essa questão, salientando que o sujeito é primordialmente social, ou seja, não existe uma centralização, o que acontece é que o sujeito existe a partir de sua interação social. Quando Berenice reconhece que falha naquilo que deve ser é porque acredita que deva seguir um modelo, algo que é considerado certo para uma mulher de sua época. No entanto, esse parâmetro sobre o que deve ser seguido não foi uma consideração que a personagem faz sobre si mesmo, mas sim uma imposição social.

R17- Hoje, verifico que sempre vivi num clima disjuntivo. Os acontecimentos e os fatos são compostos de duas relações, mas quando uma é afirmada a outra é negada. **A verdade não conjugou as duas partes da minha existência.** Como a proposição disjuntiva esclarece que as duas proposições componentes não podem ser ao mesmo tempo verdadeiras e falsas, eu atribuo os motivos dessa minha extenuante procura da justa orientação. **Sou uma desassociada de mim mesma.** (NERY, 1959, p. 103)

Nessa SD, percebemos uma Berenice cada vez mais solitária de si mesma. Nos fragmentos anteriores, ela já comentava sua insatisfação com suas escolhas, bem como com quem havia se tornado. A todo o momento, a personagem argumentava sobre não ser quem deveria ser, não se adequando assim à sociedade. Aqui, ela reafirma a tensão em que vivia, salientando o caráter disjuntivo de sua vida: “A verdade não conjugou as duas partes da minha existência.” (NERY, 1959, p. 103). No momento em que ela anuncia que a verdade não existia para as duas partes de sua vida, é possível acreditarmos que alguma parte importante de si foi perdida, ou negada, por não poder ser considerada verdade.

Como aponta Orlandi (1988), não existe sujeito sem discurso, uma vez que o sujeito se constitui através dos diversos discursos que são enunciados ao seu redor. Podemos afirmar que esses discursos sociais são aqueles que ditam o que deve ser a verdade, e por isso a concepção individual de Berenice acaba por ser suprimida. Por fim, ela afirma ser dissociada de si mesma. Acreditamos que a personagem se considera perdida por sua verdade não ser aceita pela sociedade, e assim não consegue ser quem acredita verdadeiramente.

R18- Há vácuos tão profundos na alma que palavra alguma pode superar. **Só o silêncio nos olhos, nos gestos e na língua, devia ficar.** E foi o que fiz. (NERY, 1959, p. 115)

Nessa SD, Berenice mostra novamente estar perdida. Aqui ela menciona o vácuo de sua alma, provavelmente ocasionado por não conseguir viver aquela que considerava sua verdade. A personagem sempre revela a incompletude de sua alma, como se não pudesse viver da forma como ela queria, mas sim, deveria suprimir as implicaturas sociais. Nesse fragmento, também percebemos a forma com que Berenice se comportava socialmente, quando ela ressalta que o silêncio era a melhor forma de reagir às incompletudes de sua alma. Observamos novamente uma Berenice aprisionada em si mesmo, uma vez que não demonstrava suas tristezas, seus traumas, e tentava permanecer paciente e bela – algo que era o esperado para uma mãe de família de sua época.

R19- Desde que descobrimos **o combate de julgamento**, nasce a dúvida para o nosso espírito. **Debatemo-nos entre valores considerados positivos e verdadeiros** e ao mesmo tempo descobrimos outros valores positivos e verdadeiros com forças paralelas. **Há uma intriga anterior** que desorienta o campo sentimental, intelectual e espiritual das nossas existências. Depois da dúvida vem a renovação da nossa alma. O perigo está em que a renovação não se propale a nova destruição. (NERY, 1959, p. 118)

Nessa SD, a personagem revela mais alguns traços de sua frustração quanto à não liberdade de seu espírito. Primeiro, ela aborda o “combate ao julgamento”, salientando que a partir dele é que nascem as dúvidas espirituais. Para nós é indispensável refletir sobre a força dessa afirmação, uma vez que, Berenice sempre menciona não conseguir ser aquilo que ela pensava ser, ou aquilo que era quando ainda tinha a pureza de menina. Aqui ela aponta mais diretamente o motivo dessa insatisfação pessoal, esse julgamento que enche a alma de dúvidas. Esse julgamento seria na verdade a força das formações discursivas dominantes na formação do sujeito. Berenice entende que, esses discursos que permeiam a sociedade

estabelecem o que deve ser verdadeiro, não deixando espaço para concepções consideradas “independentes”.

Em seguida, a personagem comenta esse poder da ideologia dominante em ditar o que seria “verdadeiro e positivo”, numa ideia de que a força dos discursos dominantes acabasse por eliminar outros discursos que circulam na sociedade. É nesse momento que Berenice reconhece ter encontrado outros discursos, outras formas de verdade. Entretanto, ela revela não conseguir incorporar esses discursos pela existência de “uma intriga anterior” (NERY, 1959, p 118). Essa intriga pode estar relacionada ao “pré-construído” apontado por Pêcheux (1988), pois a personagem compreende que chegamos ao mundo carregados pela ideologia que nos interpela e nos constitui como sujeitos. No entanto, ela revela que essa intriga – ou essa noção de pré-construído – termina desorientando a nossa alma. Se considerarmos a falta de liberdade e as imposições sociais vividas pela personagem, podemos compreender que as questões sociais só influenciam na falta de autoconhecimento, e, além disso, na falta de coragem para arriscar, para seguir por um caminho que não fosse aquele que ou outros esperassem. Isso é que seria correr o risco de renovar a alma, mas propalar a destruição.

R20- Até hoje sou uma completa ignorante sobre o lado material e aquisitivo da vida. **Dou e sempre dei um valor excepcional à alma.** Sou uma mulher que pensa desde menina com a base no eterno. **Tudo que acaba é pouco.** Deve ser o sentimento de ambição extraordinariamente desenvolvido que assim me leva a pensar. **O meu mundo tem como ponto mais alto o espírito.** Ele é a nossa realização, é a soma das nossas propriedades eternas. Dentro dessas medidas, **tudo que se movimenta fora dele está sujeito a um fim medíocre e triste.** Lutar pelo efêmero e desgastar-se, subtrair-se e diminuir-se em coisas que, após um ligeiro exame, sabemos não conter outro valor senão aquele que emprestamos dentro de um tempo exíguo e fugaz. É a mentira da vida, concordamos que essa mentira não pugnou por nós e sim contra nós. Nesse terreno, eu sempre vivi perfeitamente em paz. (NERY, 1959, p. 120)

Nessa SD, Berenice revela mais traços de seu pensamento. É importante percebermos que ela busca, através da exposição de suas reflexões, conhecer a si mesma, e fazer a “manutenção” do que considerava mais bonito sobre si mesma: a sua sensibilidade. Assim, ela dedica esse momento da narrativa para salientar a importância da espiritualidade em sua vida, e na maneira como enxergava as coisas. Percebemos – através das passagens destacadas – que Berenice é taxativa: “Dou e sempre dei um valor excepcional à alma” (NERY, 1959, p. 120). A partir dessa afirmação, percebemos a força que as questões espirituais representavam na

forma com que a personagem observava as coisas. Para ela, tudo aquilo que fosse efêmero ou material não possuía nenhum valor, pois “Tudo que acaba é pouco”. (NERY, 1956, p. 120)

Diferente dos outros momentos analisados da obra, nesse recorte, Berenice não menciona as questões sociais pré-construídas. Ela fala de si para si mesma, tentando visualizar a parte mais profunda de sua alma, aquela que para ela era o mais importante. Podemos notar, a partir desse depoimento, que a personagem se considera diferenciada por não ter vivido a mentira que a vida havia lhe proposto, por ter sua sensibilidade elevada.

R21- Pensava. Mas eram pensamentos sem coordenação, fora das minhas concretas tristezas. Como eu me sentia desamparada e sofrida! ... **Verifiquei que me habituara a guardar silêncio nos meus mais fundos pensamentos.** E o orgulho de não explicar coisa alguma foi uma força na minha debilidade. Eu estava muito trabalhada pela vida, para pedir ou dar explicações. **Havia, pelo sofrimento, superado as palavras, e tudo já ficando sob os meus passos como coisa que deixamos num caminho que jamais retornamos.** (NERY, 1959, p. 142-143)

Nessa SD, mais uma vez, a personagem menciona sua forte relação com o silêncio. Podemos inferir que essa forte relação estabelecida entre o silêncio e Berenice marca a pressão sofrida por ela durante esse período de sua vida. A todo o momento, Berenice salienta seus erros, suas falhas, e agora, seu hábito de se calar, de estar em silêncio. Essa reafirmação da passividade também nos faz atentar para o seguinte fato: antes de tudo, Berenice é mulher, é mãe e esposa. Percebemos que esta condição feminina de mulher e esposa a prendem em um papel que a sociedade lhe impôs. Como já afirmamos, ela está presa na formação discursiva tradicional, na qual a mulher é primeiramente mãe e esposa, devendo toda a sua dedicação a desempenhar essas funções com primor, e deixando de lado os sonhos e vontades que lhe são próprios.

Além disso, a mulher da formação discursiva tradicional devia se manter em “silêncio” sem nunca se mostrar insatisfeita ou voluntariosa, qualidades não satisfatórias para uma boa esposa dos anos 50. De acordo com Miranda (1993 *apud* DANTAS, 2007) a palavra é um discurso, e ao silenciar a palavra, ou o discurso, de alguém para mantermos a hegemonia discursiva, estamos cometendo um tipo de violência. E essa violência é relatada por Berenice, quando ela afirma que: “Verifiquei que me habituara a guardar silêncio nos meus mais fundos pensamentos” (NERY, 1959, p. 142).

Em outro momento, a personagem reforça o motivo desse silêncio ao qual ela havia se habituado: “Havia, pelo sofrimento, superado as palavras, e tudo já ficando sob os meus

passos como coisa que deixamos num caminho que jamais retornamos.”(NERY, 1959, p. 142-143). Aqui, nos fica nítido que o silêncio de Berenice foi ocasionado pelo seu sofrimento. Ela ressalta que “superou as palavras” declarando que seu discurso foi silenciado por ela não pertencer a hegemonia dominante – no caso, a masculina.

R22- A vida é sábia, e, se nos rebelamos contra ela, é porque gostaríamos de viver na ilusão, sempre dentro do fictício e do enganoso. **No instante em que a realidade se apresenta, nós reagimos, porque a realidade é a coisa mais difícil de ser aceita pela nossa débil humanidade. Temos uma propensão espantosa para acreditar nas coisas falsas e sem densidade.** (NERY, 1959, p. 153)

Nessa SD, Berenice faz mais uma de suas reflexões sobre a vida, e a maneira como as pessoas a enxergam. Ela menciona a falta de entendimento que temos sobre a vida, sempre questionando a forma como a realidade se apresenta. Assim, ela revela o seu lado mais pragmático: “Temos uma propensão espantosa para acreditar nas coisas falsas e sem densidade”. (NERY, 1959, p. 153) Através dessa passagem podemos conhecer mais sobre a mulher que Berenice se transformou; ela apagou de sua personalidade a imaginária menina que criava mundos, vocabulários e uma vida que lhe era bela, e agora, era apenas uma mulher buscando o mais real que a vida pudesse lhe oferecer.

Se pensarmos sobre o que Berenice mencionara anteriormente sobre aprender a estar em silêncio, poderemos compreender melhor este fragmento. Aqui, observamos uma Berenice crítica, que zomba da humanidade – tida por ela como “débil”. Berenice parece estar exausta da falta de pragmatismo da sociedade. Assim, o silêncio para ela também é uma forma de amadurecimento, pois, melhor estar em silêncio do que passar a vida reclamando daquilo que é posto pela realidade. Dantas (2007) aponta que o silêncio pode adquirir dois sentidos: como a ocultação do discurso do outro e a significação excessiva das palavras. No discurso de Berenice, percebemos uma crítica a esse excesso de palavras – e assim de reclamações – em relação ao rumo que a vida dava a realidade. Esse seria o silêncio do mundo moderno, milhares de discursos rasos, que acabam por silenciar-se por conta da superficialidade.

R23- **Observei a única coisa realmente viva que eu possuía era a percepção imediata à consciência do meu eu como força e movimento livre no espaço e no tempo.** Coloquei-me ereta diante da realidade minha e dos outros. **Flagelei as minhas vaidades, esbati as cores vivas das ações que julguei trazerem alguma soma a meu favor, analisei duramente o tabu da minha maternidade, esquitejei o meu caráter, os meus impulsos, desmascarei minhas virtudes e tudo apenas a hábitos adquiridos por ensinamentos e circunstâncias.** Quis ver de perto se na

verdade eu era uma causa própria e consciente ou imanente que girava nesse todo como acessório. A maternidade não era coisa dependente nem exclusiva de mim. Os meus filhos estavam num plano de valor muito acima desse fato biológico. A eles eu devia todas obrigações e atenções. Meu pensamento vivia e indagação, e eu tinha receio e até uma certa vergonha de aceitar um autojulgamento que me facilita reconhecer qualidades de caráter, de espírito, de inteligência ou a de ressaltar virtudes naturais. (NERY, 1959, p. 166)

Nessa SD, percebemos que Berenice torna-se, além de pragmática, muito fria em relação a sua própria vida, ao afirmar que: “[...]a única coisa realmente viva que eu possuía era a percepção imediata à consciência do meu eu como força e movimento livre no espaço e no tempo”. (NERY, 1959, p. 166) Dizemos fria, pela forma como ela salienta só ter vivo dentro de si a capacidade de se compreender no espaço e no tempo. No entanto, acreditamos ser fundamental essa valorização que Berenice traz para o entendimento sobre seu próprio eu, numa tentativa de explicar que, por mais passiva, silenciosa e aparentemente “morta” que ela esteja para os olhos da sociedade, ela apenas sustenta esse papel, pois acredita ser a função que deva desempenhar, mas sem nunca perder a sua dimensão dentro de si e dentro de sua estrutura familiar.

Em seguida, Berenice continua a autorreflexão sendo ainda mais direta quanto ao que havia se tornado. Ela deixou de lado seus valores, seus tabus, seu caráter, seus impulsos, suas virtudes, “e tudo apenas a hábitos adquiridos por ensinamentos e circunstâncias” (NERY, 1959, p. 166). Nesse pequeno recorte, observamos como a personagem demonstra claramente possuir o controle do conhecimento sobre si mesma; mas não possui o controle sobre suas atitudes – estas que são ditadas pelas formações discursivas tradicionais.

R24- Que espécie de conduta eu poderia tomar, se **a conduta é uma soma de ações que não são exclusividade determinada por nós, mas pelas circunstâncias e necessidades?**...( NERY, 1959, p. 176)

Nessa SD, a personagem reflete sobre suas atitudes, numa tentativa de justificá-las. Berenice retrata que não é “dona” de suas ações, uma vez que: “[...] a conduta é uma soma de ações que não são exclusividade determinada por nós, mas pelas circunstâncias e necessidades [...]” (NERY, 1959, p.176). Percebemos, nessa SD, que a personagem entende a força da ideologia e das formações discursivas – que são representadas pelos discursos que circundam na sociedade – para a sua constituição como sujeito. Além disso, ela salienta as necessidades

como outro fator imprescindível para explicar a sua conduta. O termo “necessidades” também aponta para a forma como Berenice vivia. Durante a obra ela relata ter, por muitas vezes, abdicado de suas vontades, sua poeticidade e até de seu orgulho para executar bem seu papel de mãe e esposa dentro de um lar conturbado. Em termos discursivos, deparamo-nos com a inserção do contexto histórico do sujeito como força de constituição de sua subjetividade.

R25- Eu necessitava coordenar-me e não tinha possibilidade dessa coordenação. De repente, surgiu-me uma indagação: quem sabe seria eu **uma pobre de espírito** com mania de ter visto, ouvido e assistido a coisas inexistentes? Afinal todos somos atores e espectadores da vida. Quem sabe fui **atriz**? E teria representado realmente um papel de valor? Quem sabe estaria eu procurando e enganando-me a representar um papel inexistente? Era necessário esmiuçar se eu estava em grande engano entre os milhares de erros a meu respeito. Era imprescindível chegar a uma equação de mim mesma, em primeiro lugar, para depois colocar-me em equação às coisas, às pessoas, aos acontecimentos e tomar então direções firmes. E encontrei-me na situação de quem deseja resolver um complicado problema sem saber somar. (NERY, 1959, p. 177)

Nessa SD, observamos uma Berenice um pouco mais perdida. Diferente dos relatos anteriores, no qual ela ressaltava suas qualidades e demonstrava entender o porquê das decisões que havia tomado. Agora, observamos uma mulher confusa, amedrontada, questionando se, ao proclamar-se espiritualizada e sentimental, ela não estaria apenas mentindo para si, na tentativa de ser aquilo que desejava ser. Essas dúvidas apresentadas por Berenice nesse momento de sua vida apenas revelam as inseguranças dessa mulher que já passou por muitos desafios. Primeiro, na infância, quando perde a mãe e é julgada por ser uma menina imaginativa, e assim, é pressionada a buscar a realidade. Depois, a personagem casa-se com o amor da sua vida, mas é obrigada a dividir o espaço de seu lar com duas mulheres – a sogra e a irmã da sogra – as quais ela considera loucas. E por fim, ela descobre que seu marido, homem a quem ela dedicava tanta afeição, a traía.

Acreditamos que todos esses acontecimentos corroboraram para essa nova postura de Berenice, uma mulher que sofre pelas marcas da vida e acabam por tirá-la de seu verdadeiro eu – ou pelo menos daquele eu que ela acreditava ser. Mas uma coisa não muda em Berenice: ela valoriza intensamente o seu conhecimento pessoal. Assim, ela afirma: “Era imprescindível chegar a uma equação de mim mesma, em primeiro lugar, para depois colocar-me em equação às coisas, às pessoas, aos acontecimentos e tomar então direções firmes.” (NERY, 1959, p. 177) A partir dessa afirmação, percebemos que ela considerava que primeiro deveria entender

a si mesma, para depois pensar nas pessoas, nas coisas e nos acontecimentos ao seu redor. No entanto, se recuperarmos os conceitos apresentados previamente podemos entender o horizonte social é anterior a constituição dos sujeitos (ORLANDI, 1988). Ou seja, para conhecer a si mesma, Berenice precisaria colocar em sua equação as pessoas, as coisas e os acontecimentos, para que assim pudesse obter o resultado de sua equação pessoal.

Na construção imaginária de Berenice, surgem duas mulheres – “a pobre de espírito” e a “atriz” – que revelam duas facetas do sujeito, a real e a aparente. A real que enfrenta todos os problemas de uma mulher jovem e casada, num mundo machista, e a aparente, que escapa a essa condição humilhante, através do sonho de representar a si mesma em outro lugar, de liberdade e arte.

R26- No meu abatimento, procurei lembrar um instante da minha vida, capaz de reconfortar-me, e apenas encontrei um com forças suficientes para fazer sorrir a minha alma: o amor. Essa lembrança limpou todas as tristezas e amarguras. **Era a única e verdadeira grandeza da minha existência. E recordei a minha adolescência imantada por esse sagrado sentimento que nos leva a todas as lágrimas e a todas as felicidades.** (NERY, 1959, p. 189)

Nessa SD, Berenice continua a refletir sobre sua vida e sobre as tristezas e frustrações que a assolaram. Podemos perceber que logo no primeiro período do recorte acima ela enuncia: “[...] lembrar um instante da minha vida, capaz de reconfortar-me [...]”. Ao que nos parece, a personagem procura encontrar algum momento bom, feliz de sua vida, e a única coisa que recupera é o amor. Mais adiante, Berenice menciona o apogeu desse sentimento em sua vida, a sua adolescência. Essa menção que a personagem faz quanto ao seu período juvenil nos remete a grande paixão que Berenice nutriu por seu atual marido, Ismael Nery. Podemos perceber que ela menciona com um tom altivo: “Era a única e verdadeira grandeza da minha existência.” (NERY, 1959, p. 189). Berenice entende que o amor nutrido por Ismael antes do casamento era puro, cheio de sonhos, o que configurava o melhor daquela garota imaginativa que Berenice costumava ser.

No entanto, ela não foge a sua noção de realidade, revelando que o amor – mesmo sendo um sentimento nobre – é: “sentimento que nos leva a todas as lágrimas e a todas as felicidades” (NERY, 1959, p. 189). Observamos que, mais uma vez, Berenice se mostra muito marcada pelo passado, e por sua condição dentro de seu lar. Não a vemos pensar num momento de alegria plena, porque isso para ela seria se distanciar de si mesma e de sua realidade.

**R27- Nunca desejei ser uma mulher forte. Aspirei sempre possuir a fragilidade.** A luta com a vida, que a tantos engrandece e qualifica num plano de privilégio, nunca foi o meu sonho nem a estrutura da minha vaidade. A minha única aspiração, o meu único desejo, a minha única forma de perfeição sempre foi e será o amor. É a única forma que move o meu ser, a única força que me transfigura para melhor. Só com ele a minha alma poderá ganhar qualidades e resistências. Nada mais. Não me sinto com tendências para vitórias, nem almejo conquistas. **Não espero glórias em riquezas, fora do amor.** Hoje, quando verifico tudo que passei e que nem a todos é dado a atravessar, não me sinto valorizada nem me julgo possuidora de força. Se não tive a independência de sair na vida pelas minhas próprias mãos, também não foi porque amasse a vida com todas as incoerências e pesares. **Foi apenas porque dia a dia esperei desenvolver-me, ampliar-me, elevar-me e purificar-me no amor. Tudo o mais não tem a menor importância. A minha eternidade está nele.** (NERY, 1959, p. 191)

Nessa SD, Berenice nos faz uma revelação: a de que não aspira ser uma mulher forte. Entretanto, durante toda a obra, percebemos que ela passa por situações complicadas, que conseguiriam desestabilizar uma mulher que não fosse forte. Mas Berenice salienta que, apesar de parecer forte, ela nunca valorizou essa qualidade, pois muitas vezes o forte perde a fragilidade, e assim, a sensibilidade. Como já havia mencionado no fragmento anterior, o amor era a sua maior conquista, era a melhor parte que guardava dentro de si. Nesse excerto, ela salienta ainda mais a importância do amor em sua vida: “Não espero glórias em riquezas, fora do amor.” (NERY, 1959, p. 191).

Ela continua a comentar o papel do amor em sua consciência, em suas aspirações na vida, sempre salientando que, só ele a fizera capaz de ser quem quisera ser. No entanto, não a vemos observar a vida com um olhar cheio de amor, pois isso seria por mais utópico para Berenice. Ela, mantendo sua característica de menina imaginativa salienta que: “Foi apenas porque dia a dia esperei desenvolver-me, ampliar-me, elevar-me e purificar-me no amor. Tudo o mais não tem a menor importância. A minha eternidade está nele.” (NERY, 1959, p. 191). Ao que nos parece, Berenice se mostra incompleta, sempre buscando chegar a um ponto em que sua sensibilidade a faça vencer as adversidades.

**R28- O primeiro movimento do amor trouxe-me a crença vivida no universo e na humanidade, depois de uma instância batida e uma adolescência intranquila. O amor afirmou e fixou-se harmoniosamente com propósitos elevados, sem submissões a críticas e análises na minha alma.** Com ele reflorisci. Encontrei a razão justa da vida e acreditei espontaneamente em tudo. (NERY, 1959, p. 192)

Nessa SD, observamos Berenice se referindo mais uma vez ao espaço do amor em sua existência. Aqui ela comenta que o amor a concedeu uma noção de universo, tranquilizando seu coração e a apresentando a noção de humanidade. Salientando a pureza do amor, ela afirma que: “O amor afirmou e fixou-se harmoniosamente com propósitos elevados, sem submissões a críticas e análises na minha alma.” (NERY, 1959, p. 192) Percebemos que Berenice salienta a força do amor por ter chegado a sua alma sem nenhuma submissão e nem críticas. Podemos pensar sobre a vida da própria Berenice, cheia de críticas, e de submissões, fortalecidas pela questão do gênero e pela época em que ela vivenciava tudo aquilo, um momento em que ser uma boa mulher era viver dentro dos padrões impostos pelas formações discursivas tradicionais.

R29- O amor foi a única necessidade da minha alma, e a minha natureza revelou-me a mim mesma o ponto essencial de toda a minha existência. **As minhas tristezas de criança nasceram por falta de amor, as minhas inquietações de adolescente surgiram por falta de amor, as minhas decepções de mulher apareceram por falta de amor.** Todos os meus atos futuros foram decorrentes dessa procura desenfreada da minha alma. **É possível que eu morra sem recebê-lo, mas continuarei a procura-lo na sua fonte poderosa, nas coisas simples, no céu profundo das noites escuras, nos mares agitados e até nas minhas lágrimas.** Só ele poderia salvar a minha essência e levá-la às mãos do Criador. Só ele poderá elevar-me e só ele poderá dignificar-me para a morte, Coisa nenhuma – nenhum fato da minha vida, alegria ou tristeza. - desviou essa procura desatinada da minha natureza. **Em tudo que fiz, implantei conscientemente a sua força eterna, embora tenha sempre encontrado o vazio acompanhado das lágrimas. Mas tudo era amor.** (NERY, 1959, p. 193)

Nessa SD, Berenice continua a sua reflexão pessoal sobre o amor. A personagem revela que, através do amor, ela poderia encontrar uma explicação para tudo que havia acontecido em sua vida: “As minhas tristezas de criança nasceram por falta de amor, as minhas inquietações de adolescente surgiram por falta de amor, as minhas decepções de mulher apareceram por falta de amor.” (NERY, 1959, p. 193). Ela compreende que, se tivesse o amor, ela não possuiria tantos traumas e tantas inquietações pessoais. Percebemos que ela não considera o *horizonte social* como a principal fonte de suas angústias. Ela desejava apenas ser amada, e através desse amor, conseguiria lidar melhor com as pressões da sociedade.

Ela continua sua reflexão nos revelando aquilo que havíamos apontado anteriormente – na análise do recorte anterior –: “É possível que eu morra sem recebê-lo, mas continuarei a procurá-lo na sua fonte poderosa, nas coisas simples, no céu profundo das noites escuras, nos mares agitados e até nas minhas lágrimas.” (NERY, 1959, p. 193). Ela se sente incompleta, e busca, a todo o momento, encontrar-se com o amor. Quando ela menciona que irá procurar o amor nas coisas mais simples, podemos observar como ela supervaloriza a sua sensibilidade, algo que Berenice considerava a sua maior virtude. Também percebemos o caráter dramático dessa passagem, uma vez que, novamente, a personagem revela as suas lágrimas como moldura para a incompletude de sua alma. Ela finaliza esse momento reflexivo justificando seus atos: “Em tudo que fiz, implantei conscientemente a sua força eterna, embora tenha sempre encontrado o vazio acompanhado das lágrimas. Mas tudo era amor.” (NERY, 1959, p. 193). Aqui, ela salienta que sua vida tenha sido um vazio de lágrimas, mas que mesmo assim, sempre buscou o amor. Ao que nos parece, Berenice vivia na dicotomia entre o que sentia e o que demonstrava para as pessoas ao seu redor. Ela se sentia vazia, incompleta, mas demonstrava sua fortaleza para seus filhos e marido, a fim de cumprir com primor a função de mãe/ esposa que lhe havia sido delegada. Não era uma escolha própria, mas uma escolha social.

R30- Fosse eu menos abalada, não vivesse continuamente sob o cáustico das descrenças e análises, não estivesse eu convicta da falta de importância da minha vida, tentaria iniciar a minha biografia. Não para mostrar o valor individual, mas para contar o que a vida produz e a sensibilidade recolhe. **A pessoa é apenas um número no infinito.** Vale pelo que a vida constrói e nunca pelo que constrói na vida. (NERY, 1959, p. 197)

Na última SD analisada, ela conclui sua análise, salientando que sua vida não tinha importância, pois era apenas mais uma no meio de tantas outras. Percebemos que a conclusão de Berenice busca a noção de realidade e se afasta da noção imaginária e sentimentalista que a diferenciava de todas as outras pessoas. Diferente de seu período infantil, a Berenice mulher já não mais se sente única, como se a vida e seus percalços tivessem matado aquilo que a fazia sublime. Assim, ela conclui: “A pessoa é apenas um número no infinito. Vale pelo que a vida constrói e nunca pelo que constrói na vida.” (NERY, 1959, p. 197). Percebemos que a afirmação de Berenice aponta para um mundo no qual as pessoas não são identificadas como sujeitos, mas sim pela sua função como indivíduos. Cada um é apenas mais um na contagem do todo. Não importa aqui o que cada um desses indivíduos construíram na vida, mas o que a

vida (ou a sociedade) construiu. Podemos observar que esse último período de Berenice nos revela a força das ideologias dominantes, e das formações discursivas tradicionais para a construção de seu universo como mulher da década de 50, uma vez que, esse horizonte social tem muito mais peso – para a personagem – do que seus sonhos, sua capacidade imaginativa e sentimental.

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Acreditamos que a análise da obra de Adalgisa Nery revela mais do que aspectos sociais e políticos da mulher dos anos 50; percebemos que, através da personagem Berenice, Adalgisa percorre os mais profundos anseios e medos da mulher daquela época, reverberando esse efeito sua própria alma, desnudando-a. Podemos perceber que Adalgisa detalha as memórias, os traumas e as privações da personagem desde seus primeiros anos de vida, até a idade adulta.

Tida como o *alter ego* de Adalgisa Nery, Berenice é mencionada como sendo uma menina criativa, sonhadora e imaginativa. Cremos que essa forte característica de Berenice dera nome ao livro *A imaginária*. No entanto, percebemos que durante o decorrer da obra essa pequena menina imaginária vai desaparecendo, deixando em seu lugar uma mulher cheia de amarguras e ferida pelas “grades” impostas através das formações sociais tradicionais. Essas considerações só puderam ser levantadas graças às concepções previamente trabalhadas de formações discursivas, ideologia e constituição de sujeito.

Também não podemos deixar de mencionar a importância do sujeito que escreve para compreendermos o discurso literário. Como afirma Bakhtin (2011), só podemos compreender o romance, bem como os enunciados nele presentes, se pensarmos sobre quem está falando. No caso do romance em questão, pensar na história de Berenice, seus dramas e anseios, possui uma visão completamente diferente se refletirmos sobre o lugar dela na sociedade: mulher e mãe dos anos 50. Talvez se a história relatasse os fatos vividos por uma mulher do século XXI os resultados da análise seriam diferentes, ou pelo menos, se expressariam de forma menos angustiantes.

Conseguimos mostrar o sofrimento de Berenice quanto à sua capacidade criativa e poética, sempre perpassada por inúmeras dúvidas e medos. A personagem, inicialmente, reforça sua sensibilidade como aquilo que a faz especial e diferente de todos os outros – ou de toda a sociedade. No entanto, após sofrer por não poder vivenciar essa força sensível que acredita possuir, ela se questiona, indagando se tudo aquilo que acreditava ser não era, na verdade, mais um sonho ou devaneio de sua cabeça imaginativa. Podemos perceber que nos deparamos com a mulher Berenice em várias fases, mas sempre marcada pelas imposições sociais das formações discursivas tradicionais, e diversas outras.

Consideramos que, apesar do grande número de recortes analisados, ainda temos vários aspectos que podem ser observados no texto de Adalgisa Nery. Por não fazer parte de nossos objetivos para com esse trabalho, em específico, não nos deteremos à relação entre a

personagem Berenice e a autora do livro, a também poetisa Adalgisa Nery. Em um futuro trabalho, poderiam ser feitas maiores observações enquanto ao *horizonte social* de meados dos anos 50, fazendo uma análise comparativa entre a obra de Adalgisa Nery e as músicas que estavam nas paradas de sucesso daquela época, uma vez que, as músicas e os anúncios revelam muito sobre as formações discursivas que circulavam a cabeça da sociedade mais conservadora daquela época.

## REFERÊNCIAS

BATISTA, C. P. Mulheres em tempos de guerra: análise do comportamento e da moda feminina nos anos 20 e 50. *II Encuentro Latinoamericano de Diseño "Diseño en Palermo". Comunicaciones Académicas. Buenos Aires, Argentina.* ano II, vol. 3, Julio 2007, p. 198-201.

BRANDÃO, H. H. N. Introdução à análise do discurso. Campinas: Editora da UNICAMP, 1991. p. 32-68.

BAKHTIN, M.; VOLOCHINOV, N. V. *Marxismo e filosofia da linguagem*. São Paulo: Hucitec, 2006.

\_\_\_\_\_. O discurso no romance. In: *Questões de estética e de literatura*. 3.ed. São Paulo: Ed. da UNESP, 1993.

DANTAS, A.de M. Sobressaltos da análise do discurso. Campina Grande; EDUFCG; 2007. p. 46-52.

\_\_\_\_\_. *Linguística e literatura: um estudo, vários caminhos*. Campina Grande: Bagagem, 2011. p. 30-50.

ESTEBAN, M. P. S. *Pesquisa qualitativa em educação: fundamentos e tradições*. Porto Alegre. AMGH. 2010. p. 57-58.

FERREIRA, L. M. A. Interdiscurso e memória: nas tramas dos discursos sobre a mulher. In: INDUSKY, F.; LEANDRO-FERREIRA, M. C.; MITTMANN, S. [Orgs.] *O discurso na contemporaneidade: materialidade e fronteiras*. São Carlos: 2009. p. 223-232.

FREUD, S. *O mal estar na civilização*. Ed. Penguin; Companhia das letras; 2011. São Paulo-SP.

MAINGUENEAU, Dominique. 2006. *Cenas da Enunciação*. Organizado por Sírio Possenti e Maria Cecília Pérez de Souza-e-Silva, diversos tradutores. Curitiba: Criar Edições. p. 55-65.

ORLANDI, E. P. *A linguagem e seu funcionamento: as formas do discurso*. 2. ed. ver. e aum. – Campinas: Pontes, 1987. p. 39-191.

\_\_\_\_\_. *Discurso e Leitura*. São Paulo: Cortez; Campinas: Editorial da Universidade Estadual de Campinas, 1988. p. 53-73.

\_\_\_\_\_. A incompletude do sujeito: e quando o outro somos nós? In: ORLANDI, E. P. [et. al] *Sujeito & texto*. São Paulo: EDUC, 1988. p. 9-16.

\_\_\_\_\_. *As formas do silêncio: no movimento dos sentidos*. Campinas: Edunicamp, 1992.

\_\_\_\_\_. *Análise de Discurso: princípios e procedimentos*. Campinas: Pontes, 1999. p. 50-65.

\_\_\_\_\_. Historicidade, indivíduo e sociedade: o sujeito na contemporaneidade. In: INDUSKY, F.; LEANDRO-FERREIRA, M. C.; MITTMANN, S. [Orgs.] *O discurso na contemporaneidade: materialidade e fronteiras*. São Carlos: 2009. p. 13-27.

PÊCHEUX, M. *Semântica e Discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. Campinas, SP. Editora da UNICAMP. 1988. p. 140-170.

SOUSA, Salomão. Disponível em: <[http://www.antoniomiranda.com.br/poesia\\_brasis/rio\\_de\\_janeiro/adalgisa\\_nery.html](http://www.antoniomiranda.com.br/poesia_brasis/rio_de_janeiro/adalgisa_nery.html)> Acesso em: <12 de agosto de 2014>.

ZAFIROPOULOS, M. The Freudian theory on femininity: from Freud to Lacan. Trad.: GUIA, E. R. dos M.; CECCARELLI, P. R. A teoria freudiana da feminilidade: de Freud a Lacan. *Reverso* vol.31 no. 58; Belo Horizonte set. 2009. Disponível em: <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S010273952009000200002&script=sci\\_arttext](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S010273952009000200002&script=sci_arttext)> Acesso em: <20 de junho de 2015>.

